

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

SARAH CAROLINE ALBUQUERQUE FERRAZ SANTOS

**AS POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES NA UTILIZAÇÃO DA ARTE COMO
FACILITADORA NOS PROCESSOS EDUCATIVOS**

São Luís

2021

SARAH CAROLINE ALBUQUERQUE FERRAZ SANTOS

**AS POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES NA UTILIZAÇÃO DA ARTE COMO
FACILITADORA NOS PROCESSOS EDUCATIVOS**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Me. Valéria Maria Lima Cardoso.

São Luís

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Santos, Sarah Caroline Albuquerque Ferraz

As possibilidades e implicações na utilização da arte como facilitadora nos processos educativos. / Sarah Caroline Albuquerque Ferraz Santos. __ São Luís, 2021.

63f.: il.

Orientador: Profa. Ma. Valéria Maria Lima Cardoso.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2021.

1. Arte. 2. Processos educativos. 3. Educação superior - Ensino. I. Título.

CDU 159.953.5

SARAH CAROLINE ALBUQUERQUE FERRAZ SANTOS

**AS POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES NA UTILIZAÇÃO DA ARTE COMO
FACILITADORA NOS PROCESSOS EDUCATIVOS**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Me. Valéria Maria Lima Cardoso (Orientadora)

Mestre em Psicologia

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Esp. Armando Veras de Araújo Júnior

Especialista em Docência do Ensino Superior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)

Profa. Esp. Raimunda Dilene de Souza Moraes

Especialista em Psicologia Hospitalar

Secretaria do Estado do Trabalho e da Economia Solidária

Aos meus maiores incentivadores
Lusival e Sarah Santos, a vocês devo
tudo, inclusive a maior virtude: o amor.

AGRADECIMENTOS

Ao pensar em agradecimentos, não há como não se remeter ao Criador dos céus e da terra. É dele que provém toda minha força, garra e comprometimento para com as coisas espirituais e terrenas, inclusive para terminar este projeto, o qual demanda tanto de nós, estudantes. A ti, meu Deus, e a sua Santa Trindade.

Aos que dão a vida simbolicamente dia após dia por mim, os meus queridos e eternamente amados Lusival e Sarah Santos. Depois de Deus, sem eles, eu nada seria.

À minha base, que é a minha família, a minha primeira instituição de transmissão de conhecimentos, valores e tradições.

À minha orientadora Valéria Maria Cardoso Lima, que com tanto afincado dedicou energia psíquica e tempo para a construção deste trabalho.

À professora Juliana Maria, por instigar em mim com seu exemplo em sala de aula o estudo desse tema

A todos os professores da minha instituição, que foram peças importantes para a conclusão do curso; por isso, imensa gratidão. Em representação ao corpo docente do meu curso, agradeço minha coordenadora de curso Ilara Nogueira da Cruz por tamanho amor e garra através de sua profissão.

Aos meus colegas de turma também, em especial Rachel Moreira e Ítalo Viana. Seria impossível citar todos os nomes que fizeram parte da minha caminhada nesses cinco anos, mas meus eternos agradecimentos a todos com quem compartilhei essa jornada acadêmica.

Tudo o que conquistamos não vem apenas de nós mesmos, mas de todos os que compuseram, compõem e irão compor nossa peregrinação aqui na terra. Somos um “todo” formado por diversas partes. Com essa compreensão, lanço mão da técnica de pintura “pontilhismo”, revelando que somos constituídos uns pelos outros. A pintura a seguir (o “todo”) é composta por diversos pontos coloridos (partes).



Ilha da paisagem, Georges Seraut

“[...] E disse-me: A minha graça te basta,
porque o meu poder se aperfeiçoa na
fraqueza. De boa vontade, pois, me
gloriarei nas minhas fraquezas, para que
em mim habite o poder de Cristo [...].”
(II Coríntios 12:9).

RESUMO

De partida, é necessário compreender o conceito de arte que foi abordado no presente trabalho. Assim, considerando sua subjetividade e abstração, bem como a dificuldade em definir-se algo de imenso valor e poder de criatividade, tem-se como alicerce o pensamento do filósofo americano da estética, Morris Weitz. A arte tem um caráter de sobrevivência, pois o homem pré-histórico se estabeleceu através da arte rupestre, da dança e da música. Nos dias atuais, a sua funcionalidade não se difere tanto, pois a arte ainda é muito utilizada em rituais religiosos, na comunicação, no “estabelecer-se” enquanto espécie humana, na transmissão de tradições e valores, bem como na promoção de debates, diálogos e discussões. Ademais, a arte no contexto educacional tem sido vista como uma facilitadora por autores como o poeta britânico Herbet Read e o filósofo grego Platão. Diante disso, questiona-se a utilidade desse fenômeno nos processos educativos nas instituições de ensino superior. Para mais, o objetivo geral do presente trabalho foi o de investigar como a arte facilita os processos educativos nas instituições de ensino superior; e tem-se como objetivos específicos: analisar a relação da arte com a subjetividade no contexto educacional e abordar a relação da arte nos processos educativos nas instituições de ensino superior. Em face disso, foi feita uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão narrativa de literatura, pelo fato de o presente trabalho se desenvolver a partir de livros, artigos científicos e demais formas de documentação. Buscaram-se referências importantes tanto no mundo artístico quanto na ciência para a sustentação da arte como facilitadora nos processos educativos, por mais que houvesse escassa produção literária que correlacionasse diretamente a arte com as instituições de ensino superior. Concluiu-se, então, que a arte na educação é um instrumental que também envolve aspectos psicológicos, demonstrando ser um poderoso agente de investigação, no sentido de proporcionar o autoconhecimento, a aprendizagem, a criatividade e a inovação, o desenvolvimento de maior sensibilidade, além de instigar maior inclusão social. Sendo assim, a arte contribui tanto para a vida pessoal, acadêmica e profissional do discente.

Palavras-chave: Arte. Educação. Processos psicológicos.

ABSTRACT

From start, it is necessary to understand the concept of art that was addressed in the present work. Thus, considering its subjectivity and abstraction, as well as the difficulty in defining something of immense value and power of creativity, it is based on the thinking of the American philosopher of aesthetics, Morris Weitz. Art has a survival character, because prehistoric man established himself through rock art, dance and music. Nowadays, its functionality is not so different, as art is still widely used in religious rituals, in communication, in “settling down” as a human species, in transmitting traditions and values, as well as in promoting debates, dialogues and discussions. Furthermore, art in the educational context has been seen as a facilitator by authors such as the British poet Herbet Read and the Greek philosopher Plato. At the same time, the utility of this phenomenon in educational processes in higher education institutions is questioned. In addition, the general objective of the present work was to investigate how art facilitates the educational processes in higher education institutions; and its specific objectives are: to analyze the relationship between art and subjectivity in the educational context and to approach the relationship between art in educational processes in higher education institutions. In view of this, a bibliographic search of the narrative review of literature was carried out, due to the fact that the present work is developed from books, scientific articles and other forms of documentation. Important references were sought both in the artistic world and in science to support art as a facilitator in educational processes, even though there was little literary production that directly correlated art with higher education institutions. It was concluded, then, that art in education is an instrument that also involves psychological aspects, demonstrating to be a powerful research agent, in the sense of providing self-knowledge, learning, creativity and innovation, the development of greater sensitivity, in addition to instigating greater social inclusion. Thus, art contributes so much to the student's personal, academic and professional life.

Keywords: Art. Education. Psychological processes.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|--|----|
| Figura 1 | – Arquitetura..... | 22 |
| Figura 2 | – Escultura | 23 |
| Figura 3 | – Música..... | 23 |
| Figura 4 | – Pintura..... | 24 |
| Figura 5 | – Dança..... | 24 |
| Figura 6 | – Literatura | 25 |
| Figura 7 | – Cinema..... | 25 |
| Figura 8 | – Obras de Arthur Bispo do Rosário..... | 44 |
| Figura 9 | – Manto para Apresentação no Céu..... | 45 |
| Figura 10 | – Nise da Silveira | 46 |
| Figura 11 | – Museu do Inconsciente, Rio de Janeiro - RJ..... | 46 |
| Figura 12 | – Richard Serra, obra Fernando Pessoa (2007-2008)..... | 47 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|---|
| SCIELO | <i>Scientific Electronic Library</i> |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| DUDH | Declaração Universal dos Direitos Humanos |
| COVID-19 | <i>Corona Virus Disease – 2019</i> |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 A ARTE NÃO PODE SER LEVADA À SENTENÇA: proposições conceituais para o fenômeno artístico..... | 18 |
| 3 O “SENTIDO” DA ARTE NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS | 28 |
| 4 “A ARTE DIZ O INDIZÍVEL”: a relação da arte com a subjetividade | 38 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS | 55 |

1 INTRODUÇÃO

“Uma vida sem arte é uma vida pobre.
Sem criatividade não há arte.
O medo faz parte da vida.
Controlá-lo é uma arte.
Quem ama faz arte.
Dúvida faz parte.
Faça arte!!!!!!!!!!”

(Victor Bello Accioly)

A arte compõe o cotidiano das pessoas, de modo inexorável, mesmo sem ser percebida, através dos *outdoors* nas ruas, ao ouvir-se uma música no caminho para o trabalho, no cinema com os amigos, na apresentação de dança na rua, numa peça no teatro, na obra de artesanato comprada na beira da praia, no grafite dos muros (arte urbana), observado ao andar-se pelas ruas da cidade, etc.

Com isso, percebe-se que a arte dá sentido à existência humana, e esta afirmação já despertava reflexões no filósofo Aristóteles, que assevera: “a arte imita a vida”, em contraposição ao que diz o ensaio “*A decadência da mentira*”, do escritor, poeta e dramaturgo irlandês Wilde (1996), o qual sustenta que a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida. Longe de estabelecermos quem está certo ou errado, uma coisa podemos dizer: a arte traz cores a um mundo cinzento.

Aristóteles, em sua *Arte Poética*, valorizou a mimesis, termo grego que significa imitação, referindo-se à capacidade de a arte imitar a vida [...], Mas não raro ocorre o inverso: a vida imita a arte, ou seja, quando a realidade repete um drama que havia sido idealizado anteriormente pelo artista. (SILVA, 2016, não paginado).

O poeta e escritor brasileiro José Ribamar Ferreira, mais conhecido pelo seu pseudônimo de Ferreira Gullar, também projeta tamanha dimensão sobre esse tipo de produção, quando diz que a arte existe porque a vida não basta (GULLAR, 2013). Por isso, estudar a arte é compreender a si mesmo, é entender mais do outro e aprender mais sobre “ser sociedade”. Nós somos formados uns pelos outros, somos produtos das interações sociais. Diante disso, é impossível fazer a cisão entre si e o outro, porque não existe identidade para si, mas sempre em relação ao outro (CIAMPA, 1984).

As formas com que damos significados aos fenômenos à nossa volta provêm dos nossos contextos familiares, educacionais, científicos, artísticos, de nossas tradições e valores, viagens e principalmente através do outro; e isso tudo (trans)forma o nosso modo de viver em sociedade. É nesse caminhar de identificações e contato com o meio que brota a minha paixão pela arte da escrita, no que tange à natureza lírica das coisas; a junção da escrita com o afeto (des)carregado ali.

Nessa atmosfera, o meu amor pela arte da escrita ramificou para os demais tipos de arte, me proporcionando um olhar mais sensível para o fenômeno da criação artística. Na “orelha” do meu livro “*Mulher, arte e liberdade*” (FERRAZ, 2019), digo o seguinte: “Acredito que quem escreve sente mais, tem o ouvir mais sensível à dor, um olhar mais profundo às coisas e um coração mais puro”. Então, diante da necessidade de expor meu amor incondicional à arte para que outras pessoas sintam também o que a produção artística pode proporcionar, resolvi delimitar meu tema em como a arte pode proporcionar ao indivíduo um amadurecimento pessoal e profissional dentro do contexto educativo. Nesse passo, digo:

Desde pequena, sempre gostei de escrever; tenho inúmeros diários guardados da infância. Talvez, eu sempre quis ser ouvida, não por um ouvido comum, mas por um real ouvido. Entendida. Talvez, eu fale muito comigo, porque sei que só eu me entendo, aliás, só eu conheço minha história. Triste, cômica ou superada história? Então, é vida que segue ou vida que regride? Querendo ou não, o mundo não para porque você deseja, por mais que seja o seu maior desejo. A velocidade que minha mente processa e quer as coisas não condiz com meu físico e o tempo do mundo. O mal de ser tão acelerada. Eu desejo que as noites de sono se prolonguem até o dia em que eu acorde e tudo isso tenha se passado. As noites, dias e situações tornam-se longas quando você é assim. Como eu. Queria poder ter outra de mim, mas tenho apenas eu. Então, sou eu e eu comigo mesma. (FERRAZ, 2019, p. 11).

Diante disso, o objetivo geral do presente trabalho foi o de investigar como a arte facilita os processos educativos nas instituições de ensino superior; e tem-se como objetivos específicos: analisar a relação da arte com a subjetividade no contexto educacional; e abordar a relação da arte nos processos educativos nas instituições de ensino superior. No entanto, ao longo da pesquisa realizada não foram encontradas tantas referências bibliográficas que correlacionassem diretamente a arte com as instituições de ensino superior.

Contudo, pode-se perceber que a arte nos processos educativos perpassa não só o fenômeno da aprendizagem, mas também os processos psicológicos envolvidos e a subjetividade dos discentes. Dessa forma, para um bom aproveitamento acadêmico há de ser valorizado o desenvolvimento psicológico e social do aluno, tendo em vista um dos importantes papéis do ambiente escolar,

potencializar aspectos pessoais e profissionais no aluno (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2010).

O processo educacional abrange a socialização e inclusão social dos alunos no coletivo, além de transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. Outrossim, uma educação de qualidade necessita de transdisciplinaridade, em outras palavras, requer o diálogo entre diferentes tipos de saberes para a construção do (auto)conhecimento. Pensa-se no presente trabalho o liame do ensino científico com o artístico (ANTUNES, 2008).

Para se aprofundar no tema da arte-educação no presente trabalho, será usado como base o mentor, a primeira pessoa que sistematizou o assunto, o poeta anarquista e crítico de arte e de literatura britânico Herbert Read, que possui diversos livros, como “*Arte e Sociedade*” (1937), “*A educação pela arte*” (1943) e “*O significado da Arte*” (1945). E, para se aprofundar no conceito de arte, tomaremos por base o filósofo americano da estética Weitz (2004), o qual busca em suas obras literárias e científicas trazer a arte como “conceito aberto”, e não delimitada em uma definição, pois a arte possui um vasto leque para ser reduzida em poucas palavras, ressalvadas as definições necessárias, para fins de estudos, como “comédia americana”, “pintura rupestre”, etc.

Para mais, como metodologia, a presente pesquisa constitui-se de natureza básica, objetivando gerar conhecimento para avanço da ciência de interesse, principalmente da Psicologia Social, Educacional e Escolar. Ademais, a abordagem escolhida foi a qualitativa, por focar no caráter subjetivo do objeto de estudo em análise e por considerar que o tema ora tratado não será explorado em quantitativos, equações ou estatísticas (ALVES; SILVA, 1992).

Não obstante, segundo Nascimento (2016), as pesquisas de cunho descritivo são apropriadas para algumas finalidades, como levantar opiniões, valores e crenças e descobrir a correlação entre variáveis. Partindo desse pressuposto, esta pesquisa possui objetivo descritivo, pois se caracteriza por buscar a descrição argumentativa de características dos fenômenos da arte, educação e Psicologia, além de fazer a correlação entre diversos autores especialistas da área.

Quanto aos procedimentos, far-se-á o uso da pesquisa bibliográfica do tipo revisão narrativa de literatura, pois objetiva buscar “as mais recentes obras científicas disponíveis que tratem do assunto ou que deem embasamento teórico e metodológico

para o desenvolvimento do projeto de pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 131).

Com isso, a proposta em apreço desenvolver-se-á a partir de formas de documentação de meio físico (livros, artigos científicos, revistas, etc.), bem como virtual (através de bancos de dados eletrônicos, a exemplo do Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library* (SciELO) e plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes), mediante a utilização de dados referentes à arte, educação e frentes psicológicas, que são instrumentos essenciais ao objeto de estudo em questão.

Com a finalidade de sistematização e organização, a presente elaboração científica será dividida em três capítulos teóricos. O primeiro capítulo tem como objetivo principal trazer conceituações para a arte sem fechá-la em apenas uma simples definição, mas trazê-la como conceito aberto, além de apresentar a origem etimológica da palavra “arte” e brevemente a sua contribuição social.

Já no segundo, foi realizada uma investigação da arte como facilitadora dos processos educativos, explorando autores relevantes que já debatem esse fenômeno há décadas. A partir desses referenciais, foi abordada a utilização da arte como ferramenta educacional, visto que ela é um fenômeno que existe desde a pré-história, quando nossos primitivos ancestrais usavam da pintura rupestre para ensino da caça, passar tradições, fazer rituais religiosos, entre outros meios de sobrevivência para a espécie, ou seja, uma das formas de sobreviver àquela época foi através da criação artística. Sem embargo, como exemplo, podemos observar ainda outra utilização artística na história, qual seja, na Idade Média, em que a pintura, a arquitetura, a escultura e a música tinham tamanha importância na transmissão dos valores, sobretudo da fé, à população.

O terceiro capítulo envolve a discussão da arte nos processos psicológicos e subjetivos do ser humano. Afinal, por meio da investigação do papel da arte nos processos educativos nas instituições de ensino superior, pode-se notar a importância da arte-educação para além do aprendizado, pois ela possui papéis acessórios quando utilizada na sala de aula, porquanto pode englobar aspectos da percepção sensorial, sentimento, criação e imaginação, como percebeu Vygotski (1998).

Discorreu-se também, no último capítulo, sobre o papel terapêutico da arte através de grandes referenciais como Nise da Silveira, Alain de Botton e John Armstrong; e de grande exemplo do uso desse recurso foi o memorável Arthur Bispo

do Rosário, que sofria de esquizofrenia e vivia em regime manicomial, contudo teve suas obras de arte conhecidas no mundo inteiro.

Por fim, a arte revela-se como elemento basilar do desenvolvimento de nossa espécie, isto é, no decorrer da história, ela teve várias funções educativas que foram se modificando de acordo com as formas da organização social, econômica e política. Sendo assim, a arte é uma das grandes criações humanas para o seu desenvolvimento enquanto agrupamento social e cultural. Então, quão salutar é o seu uso na sala de aula para fins educacionais (SOUSA, 2018).

2 A ARTE NÃO PODE SER LEVADA À SENTENÇA: proposições conceituais para o fenômeno artístico

“Quem tem o poder de julgar a Arte. A Arte é incensurável. O poder da Arte não se explica, pois ela, em si, é inexplicável. Cada um tem uma visão simbólica para a Arte, um significado e um significante. Porém, nunca se chegará a um consenso, deduzindo, então, que a Arte não pode ser levada à sentença”.

(Sarah Caroline Ferraz)

A palavra “arte” vem do latim “*ars*”, “*artis*”, que corresponde ao termo grego “*tékne*”, que por significado podem ser traduzidas como as técnicas, os meios para se criar, habilidade adquirida, a qual se opõe às faculdades concedidas pela natureza e, por outro lado, ao conhecimento rigoroso da ciência.

Uma disciplina como a matemática é puramente científica, enquanto que a habilidade de tocar um instrumento musical é uma arte (VESCH, 2019). Contudo, o conceito para a arte pode variar de acordo com a interpretação do sujeito, a partir da forma como ela é aplicada, das teorias já estabelecidas através de um estudo sistematizado para buscar a conceituação desse fenômeno, e considerando ainda o aspecto cultural.

Para mais, é necessário compreender o conceito de arte que será abordado no presente trabalho. Assim, considerando sua subjetividade e abstração, bem como a dificuldade em definir algo de imenso valor e poder de criatividade, tem-se como alicerce o pensamento do filósofo americano da estética Weitz (2004), o qual se concentrou nos estudos da ética, interpretação e crítica literária. Em contramão ao que a arte estética visava (definir a arte), ele se contrapôs a essa ideia, conforme se observa:

A teoria estética toda ela comete o erro de fundo de considerar que é possível construir uma teoria correta, porque interpreta de forma radicalmente errônea a lógica do conceito de arte. É falsa a sua afirmação mais importante de que a arte pode submeter-se a uma definição real ou a qualquer tipo de definição verdadeira. (WEITZ, 2004, p. 2).

Weitz (2004) defende que a arte é um fenômeno aberto, que se (re)cria constantemente. Dessa forma, seria impossível e sem necessidade fechar a arte em um conceito. Deve-se, então, sair da tentativa de definir a arte, pois é uma empreitada logicamente vã definir o que é indefinível, de supor que o conceito de arte é fechado, quando o seu uso real revela e exige a sua abertura.

Nesse contexto, a fim de evitar um possível extremismo, convém trazer à baila que há possibilidades bastante pontuais de a arte possuir conceitos fechados, porém apenas com a finalidade da facilitação de estudo sistematizado de determinado fenômeno, a exemplo do que seja tragédia grega, comédia americana, romance europeu, etc. (WEITZ, 2004). Por isso, tais exceções devem ser dotadas de propósito específico e de bastante cautela, para que não se incorra em conceituações arbitrárias.

Na realidade, Weitz (2004) foi influenciado pelo pensamento do filósofo Wittgenstein (1953), o qual acredita que não há necessidade de se definir o que é um jogo, mas compreendê-lo de tal modo que seja possível fazer uma identificação ao entrar em contato; assim seria a arte, ao entrar em contato com ela, já haveria a possibilidade de reconhecê-la. Então, uma definição apenas para a arte não contempla toda sua complexidade e formas de se movimentar com o coletivo; com isso, pode-se conceituá-la, mas não convém defini-la, perguntando-se: “que tipo de conceito é arte?”, em vez de “o que é arte?”.

Saber o que é a arte não é apreender uma qualquer essência manifesta ou latente, mas ser capaz de reconhecer, descrever e explicar as coisas que chamamos arte [...]. Quando se podem fixar condições necessárias e suficientes para a aplicação de um conceito, o conceito é fechado. Todavia, isto só pode acontecer na lógica e na matemática, onde os conceitos são construídos e completamente definidos. (WEITZ, 2004, p. 69).

Aliás, a arte influencia tanto quem a produz como quem a prestigia. No entanto, para cada indivíduo a arte terá um significado diferente, pois ela é resultante da combinação entre a percepção sensorial do sujeito e suas referências simbólicas: memória, cultura, imaginação, mitos, sentimentos (VILLAÇA, 2014).

Muitas vezes, o artista, no “fazer” de sua arte, contempla acontecimentos e situações que o fazem ter uma percepção singular de sua produção, ao passo que, quando *outrem* se depara com a mesma obra, ela já é compreendida de uma outra forma, subjetiva e ímpar. A arte possui um significado plural ou uma pluralidade de significados. Ademais, segundo Rossi (2009, p. 25): “a ciência, a arte e a religião estão entre os constituintes fundamentais da pessoa humana e da cultura em geral”.

Dessa forma, há por trás da arte um processo subjetivo através do qual ela é expressa pelo sujeito, conforme se nota:

Todas as nossas vivências fantásticas e irreais transcorrem, no fundo, numa base emocional absolutamente real. Deste modo, vemos que o sentimento e a fantasia não são dois processos separados em si, mas essencialmente o mesmo processo, e estamos autorizados a considerar a fantasia como expressão central da reação emocional. (VYGOTSKI, 1998, p. 246).

Aquilo que o sujeito produz como expressão artística estará, de certo modo, resgatando a compreensão que ele tem de sua existência no plano da materialidade. Com o fenômeno da educação através da arte, pode-se instrumentalizar o processo de aprendizagem, a capacidade cognitiva para elaborar conceitos, a compreensão de sua posição no mundo e a sua identificação com os papéis sociais que desempenhará ao longo de sua vida.

Consoante lição de Bachelard (1988, p. 120): “Existe um sentido, acreditamos, em falar de análise poética do homem. Os psicólogos não sabem tudo. Os poetas trazem outras luzes a respeito do homem”. Os artistas trazem tamanha dimensão de “ser” do indivíduo em sua expressão, que leva os psicólogos e estudantes de Psicologia a refletirem acerca da sua contribuição para com a referida ciência.

Ademais, a arte pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional do estudante universitário, pois além de ser uma facilitadora nos processos educativos, fornece elementos que ampliam a compreensão sobre o seu “eu” e sobre o mundo, possibilitando um caminho para dentro de si.

De acordo com Silva (2004), a arte pode tornar-se um recurso pedagógico, que, no âmbito da Psicologia, passa a ser um dispositivo fortalecedor da relação entre a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (percepção, atenção, linguagem e pensamento, por exemplo).

Em suma, a arte pode ser um poderoso meio de investigação, no sentido de proporcionar ao sujeito uma compreensão dos aspectos subjetivos de si, integrando-o numa dinâmica social junto aos valores históricos e culturais.

Uma obra de arte vivenciada realmente pode ampliar nossa opinião sobre certo campo de fenômenos, obrigar-nos a observá-lo com novos olhos, generalizar e reunir fatos por vezes totalmente dispersos. Como toda vivência intensa, a vivência estética cria um estado muito sensível para as ações posteriores e, naturalmente, nunca passa sem deixar marcas em nosso comportamento posterior. (VYGOTSKI, 2003, p. 234).

Dois autores de suma importância no estudo da arte como elemento terapêutico são o escritor Alain de Botton e o escritor e filósofo John Armstrong. Os dois participaram da escrita do livro “*Arte como Terapia*”, obra em que eles buscam fugir de uma definição de arte e se debruçam em elucidar a sua funcionalidade, “para que serve a arte”, mostrando que a arte tem um papel muito relevante para a humanidade, que vai além das clássicas preocupações estéticas (BOTTON; ARMSTRONG; BOTTMANN, 2014). Uma importante reflexão dessa produção literária é indagar o que as pessoas consideram como arte. Seriam somente as exposições realizadas nos museus e galerias? A produção de grandes artistas internacionais? Ou seria qualquer expressão de criatividade que tenha uma finalidade subjetiva?

Outrossim, a arte possui um caráter terapêutico, através das identificações, das emoções sentidas quando se entra em contato, da possibilidade de trazer reequilíbrio, compreensão de si, rememoração, etc. Através da arte também é possível conhecer um país, sua história e tradições, por meio das manifestações culturais; ou seja, investir em artes é mais do que um lazer ou passatempo, é saber aprofundar as raízes de um determinado grupo de pessoas (ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE, 2020).

Ao se promover o estudo através da arte, não somente aprenderemos a seu respeito ou teremos a facilitação dos processos educativos, mas também percorreremos um caminho útil para conhecer o seu próprio caráter e fomentar um poderoso recurso terapêutico. No entanto, a arte não é algo que se encontra apenas nos museus ou galerias de arte, ou em cidades históricas antigas; ela está presente em tudo o que fazemos para agradar os nossos sentidos (READ, 2016).

Obter algo com a arte não significará apenas aprendermos a seu respeito, mas também uma autoinvestigação. Teremos de estar dispostos a olhar para dentro de nós mesmos, reagir ao que vemos. A arte será considerada boa ou ruim *per se*, mas *para nós*. (BOTTON; ARMSTRONG; BOTTMANN, 2014, p. 72).

Dessarte, o conceito de arte também é contemplado através das Belas Artes, que são de conhecimento mundial, onde Hegel, em 1835, dividiu as artes “gerais” em seis expressões “particulares”: arquitetura, escultura, pintura, música, dança e poesia. Contudo, o teórico e crítico de cinema Ricciotto Canudo documentou o “*Manifesto das Sete Artes*”, de 1923, para que o cinema fosse incluído no conceito de Belas Artes, na arte clássica (RICCIOTTO, 2019).

Nessa perspectiva, quando, se visita um museu, deparara-se com as salas de cinema passando filmes *cult* e surge a reflexão acerca do porquê daquela tela, mas é justamente por isso: o cinema é arte. Mas o que seria um museu em definição? Ele é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço do coletivo e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do ser humano e de seu entorno para a educação e deleite da sociedade, segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM) (BAUER, 2017).

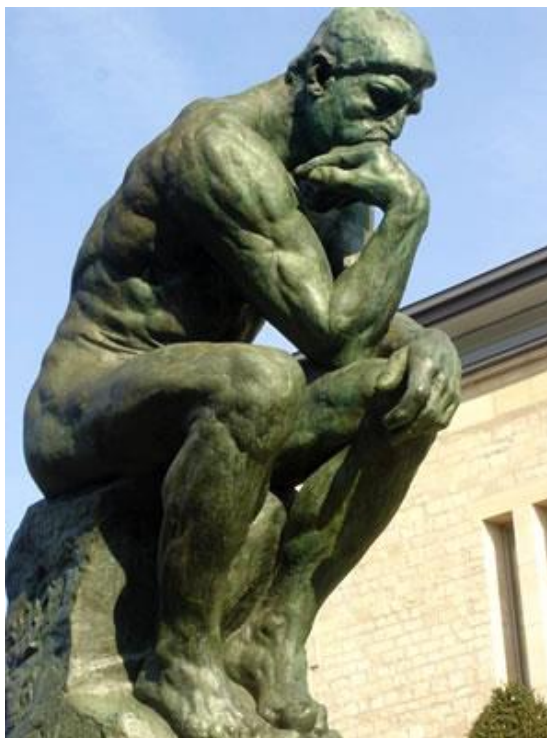
O termo “Belas Artes” apresenta-se como uma expressão utilizada para se referir às sete artes clássicas, as quais englobam as correntes artísticas cujas linguagens se destacam pelo valor estético e pelos sentimentos despertados ao entrar em contato com a arte. Nesse sentido, com o intuito de demonstrar a riqueza da arte, a seguir, os sete itens, respectivamente, referentes às sete artes clássicas (figuras 1 a 7):

Figura 1 – Arquitetura



Fonte: Casa... (2018)

Figura 2 – Escultura



Fonte: Clube da Arte (2016)

Figura 3 – Música



Fonte: Slack (2020)

Figura 4 – Pintura



Fonte: Assis (2019)

Figura 5 – Dança



Fonte: Marinelli (2018)

Para representar as Belas Artes, nas figuras de 1 a 7, foi pensado em “grandes nomes” do mundo artístico de cada contexto. Na arquitetura (figura 1), o estilo minimalista predominou, o qual é uma tendência das artes visuais que nasceu entre os anos de 1950 e 1960, em Nova York, elevada a principal centro artístico com o expressionismo abstrato de Jackson Pollock (1912-1956) e Willem de Kooning (1904-1997). Como características singulares nas obras minimalistas, há o mínimo de recursos e elementos (ITAÚ CULTURAL, 2015).

Agora, entre os grandes nomes de referência artística mundial está o do escultor francês François-Auguste-René Rodin, mais conhecido como Auguste Rodin, representando a segunda figura, a qual é uma das mais famosas e reconhecidas entre as suas obras, chamada “*O pensador*”, do ano de 1902.

Depois, vem a arte musical (figura 3), a qual já é tão comum cotidianamente: ouvimo-la até sem nem a perceber, através de um comercial, do som ambiente nas salas de espera ou em academias de ginástica, no gorjear dos pássaros, etc.

Logo após, a “figura 4” vem representando uma das principais artistas modernistas da América Latina, descrita como a pintora brasileira que melhor atingiu as aspirações de expressão nacionalista no mesmo estilo: Tarsila de Aguiar do Amaral, e internacionalmente conhecida como Tarsila do Amaral. Ela está representada no presente trabalho com uma das suas principais obras do período antropofágico do movimento modernista no Brasil, a obra “Abaporu” (TARSILA..., 2020).

Em seguida, o *street dance* ou dança de rua representa a “figura 5”, referente à dança, a qual teve origem nos guetos americanos na década de 30. E já a próxima figura representa a literatura, que é uma criação artística que se baseia no uso das palavras. Então, dessa forma, a poesia foi escolhida como representação dessa expressão artística.

De suma importância também chamar atenção para a poesia visual (figura 6), escolhida para demonstrar a literatura, pois ela não é resultado apenas da escrita, mas juntamente da experimentação visual. Sendo assim, a poesia visual pode igualmente ser vista como o resultado de uma sobreposição entre a escrita e o desenho. Uma vez que toda a escrita tem origem no desenho, a escrita poderá ser entendida como um desenho de palavras (BACELAR, 2001).

Eu, apesar de não saber também o que essa palavra - **poesia** - significa, não faço a pergunta. Não, porque saber o significado não me resolve nenhuma questão. O significado é paragem no tempo, e a questão é justamente o movimento. Porque poesia durante muito tempo parece que foi sonoridade, ritmo sonoro obtido com palavras; só muito mais tarde se tornou sobretudo escrita e, depois disso ainda, imagem criada a partir de palavras escritas: ritmo visual. Esta evolução dá naturalmente que pensar. [...]. (PIMENTA, 1985, p. 31, grifo nosso).

A poesia através do jogo das letras, das palavras, das frases e principalmente dos sentimentos transforma essa arte em algo ainda mais peculiar, interessante e livre dos formatos e do enquadramento. Torna-se fluída, sem definição.

Ademais, esse tipo de escrita visual também pode ser chamada de poesia concretista, cuja principal característica é a geometrização e visualização da linguagem, além de ter sido a principal corrente de vanguarda da literatura brasileira, em 1956 (PEREZ, 2015).

Por fim, o cinema (figura 7), representado pelo cineasta inglês Charles Chaplin (1889-1977), que foi um dos atores e verdadeiro ícone da era do cinema mudo e preto&branco, conhecido pelo uso da mímica e da comédia pastelão.

Nisto, pode-se perceber a arte como um importante instrumento psicológico, cultural e social a ser utilizado nos processos educativos nas instituições de ensino superior. A vida acadêmica necessita que sejam revelados novos caminhos para que o discente tenha acesso a diferentes estímulos, a fim de melhor aproveitamento acadêmico, e dentro da sala de aula a arte pode se fazer presente tanto por quem produz a expressão artística quanto por quem a aprecia.

A filósofa política alemã Arendt (2016), em seu livro "*A condição humana*", escreve a respeito das formas de vida que o homem impõe a si mesmo para sobreviver, ou seja, que tendem a suprir a existência do homem. Essas condições variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte. E a arte é uma das formas que fizeram o homem se estabelecer enquanto espécie e dota o homem de sentido. No mesmo caminhar, Platão deixa um legado de que a arte possui a capacidade de fazer coisas de modo inteligente através de um aprendizado, sendo um reflexo da capacidade criadora e artística do ser humano (BEARDSLEY; HOSPERS, 1990).

3 O “SENTIDO” DA ARTE NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS

“A ciência descreve as coisas como são;
a arte, como são sentidas, como se sente
que são.

(Fernando Pessoa)

Indiscutivelmente, a sociedade sempre procurou meios para disseminar informações, conteúdos, ideias; e o primeiro meio para fazer isso foi por intermédio da arte rupestre. Percebe-se, então, que desde o período pré-histórico o sujeito já dava à arte um lugar social dotado de sentido.

Arte rupestre é o nome da mais antiga representação artística da história do homem. Os mais antigos indícios dessa arte são datados no período Paleolítico Superior (40.000 a.C.); consistiam em pinturas e desenhos gravados em paredes e tetos das cavernas. Isso demonstra que o homem pré-histórico já sentia a necessidade de expressão através das artes [...] a veracidade da arte rupestre foi comprovada mediante recentes reavaliações, demonstrando o alto nível de capacidade de arte do homem pré-histórico, que, com ferramentas básicas, produziu manifestações artísticas bastante relevantes para sua época, transformando as cavernas nos primeiros museus da humanidade. (DANTAS, 2017, não paginado).

Consoante Guidon e Martin (2009), a virtude do homem em se sentir representado pela arte e desenvolver seu pensamento simbólico através da pintura rupestre aconteceu desde quarenta mil anos a.C., podendo-se perceber que a oralidade não era o único meio suficiente para comunicação, transmissão de saberes e preservação cultural. Com efeito, a arte sempre foi usada como ferramenta educacional, o que favoreceu o estabelecimento e perpetuação da espécie humana, fato que instiga a investigação do seu uso na sala de aula. Antigamente, através da pintura rupestre era possível ensinar diversos fenômenos, a exemplo de todas as táticas para que uma caçada fosse bem sucedida.

Embora sem ter consciência de que estavam educando e misturando arte com magia, os mais velhos transmitiam aos jovens os conhecimentos e habilidades necessários à sobrevivência do grupo. De fato, educação, arte e magia – na Pré-História – estavam intimamente relacionadas. Podemos citar o exemplo das pinturas rupestres, que tinham significado mágico (reproduzir na vida real o que estava desenhado), serviam para mostrar aos mais jovens as táticas de uma caçada sem deixar de ser a primeira forma de manifestação artística humana [...] Sem dúvida, já na Pré-História encontramos os primeiros artistas da humanidade. E suas primeiras manifestações foram as pinturas rupestres, nas quais podemos observar claramente o caráter mágico e a função educativa. (ROSA; ZINGANO, 2013, p. 35).

A capacidade criadora do sujeito possibilitou o avanço da sociedade e a imaginação tornou-se basilar para a atividade criativa, que se manifesta em contextos artísticos, culturais, científicos e técnicos. Pelo exposto, pode-se perceber o impulsionamento que existe dentro do homem para a vida artística, o qual a utilizou para se estabelecer como espécie, sobreviver, transmitir tradições, ensinamentos, espiritualidade e magia. Sendo assim, a Associação Portuguesa de Educação pela Arte defende que o processo educativo por meio da arte abre um caminho para a formação do sujeito entrelaçando o desenvolvimento da personalidade; da imaginação; da interação coletiva; da atividade motora; da criatividade; da expressão (LEITE; ALBRECHT, 2020).

Uma função essencial que a arte possui é na conduta e no desenvolvimento humano, por ser um meio de ampliar a experiência humana, e um dos meios físicos que possibilitam o processo criativo e artístico é o ambiente educacional, a exemplo das instituições de ensino superior.

Não obstante, a primeira pessoa a falar sobre a arte no processo educativo de forma sistematizada foi o poeta anarquista britânico e crítico de arte e de literatura Read (2016), o qual possui ideia subjacente do filósofo grego Platão¹ de que a arte deve ser a base da educação. No livro “*A educação pela arte*”, o poeta busca traduzir e se utilizar da visão que Platão tinha quanto à função da arte na educação em termos diretamente aplicáveis às nossas atuais necessidades e condições; além do mais, foi nessa obra que ele desenvolveu o conceito de educação pela arte, a qual surge sistematicamente como ferramenta educativa.

Nesse passo, o crítico de arte Read (2016) acreditava que a arte poderia perpassar a pura abstração ou lazer para ser utilizada no processo educacional. Ainda, segundo o crítico, não há distinção entre ciência e arte, exceto quanto aos métodos, de vez que a oposição criada entre elas no passado deveu-se a uma visão limitada de suas atividades, pois a arte é representação e a ciência é explicação – da mesma realidade.

A ciência trabalha de forma multidisciplinar, ou seja, ela não se isola de maneira a não precisar de outros saberes. O processo educativo trabalha dessa mesma forma, isto é, esse fenômeno também pode se aproveitar dos conhecimentos advindos da arte, conhecimento popular, senso comum, filosofia e demais estudos

¹ Cf. PLATÃO. **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

sistematizados, a fim de tornar a aprendizagem mais eficaz, interessante, criativa e possível. Além disso, a arte na educação auxilia tanto nos processos educativos propriamente ditos quanto na autoinvestigação e demais aspectos psicológicos.

O processo de aprendizagem integra grande parcela dos objetos de estudo da Psicologia, pois os processos mentais básicos são constituintes do “aprender”, como a memória, percepção, emoção, raciocínio, subjetividade, que fazem parte tanto do conhecimento artístico do artista/professor quanto do preceptor/aluno, ao se mergulhar na arte-educação. Disso surge a importância da educação artística na formação acadêmica (ALMEIDA, 2018).

No mesmo caminho, a educação pela arte insere-se como recurso para abordar e auxiliar no processo educativo de diversas áreas e contextos estudantis, inclusive o universitário, podendo-se utilizar de pinturas, crônicas, poesias, peças teatrais, contos, quadros, cinema, curta-metragem, entre outros meios, para dar assistência/suporte à assimilação de conteúdo (SOUZA, 2016).

O professor para ser um facilitador na inserção da arte como instrumento educacional no ensino superior não precisa ser um artista ou dotado de dons ou grandes talentos na área. Antes, necessita apenas reconhecer a importância da arte como ferramenta educacional e facilitar essa troca vivencial da arte com a educação, para que ela seja uma ferramenta eficaz nos processos educativos. Contudo, pouco se utiliza a arte como facilitadora nos processos educacionais nos cursos de ensino superior no Brasil (BORN, 2012).

É preciso ir mais além e colocar a arte no seu devido lugar, usando-a para estimular a aprendizagem e imprimir um ritmo mais criativo, livre e lúdico ao ensino / educação [...] Read acredita que é fundamental a inserção da educação estética em todo este processo de desenvolvimento, pois vai para além do conceito adstrito da Educação artística (visual ou plástica) e pode abranger todos os modos de expressão distintos: Verbal (literária e poética), musical ou auditiva. A educação Estética é no fundo uma Educação para os sentidos, pois a inteligência e as ideias do homem, bem como a consciência baseiam-se nos sentidos. (SILVA, 2008, p. 3).

Quando nos referirmos aos relevantes nomes na arte-educação, devemos igualmente abalizar os contributos do professor inglês de educação artística Walter Smith, o qual foi o organizador do ensino através da arte, em Massachusetts (1870), principalmente por meio de desenhos (VALENTE, 1993). Ele também escreveu diversos livros sobre educação artística e obras instrucionais para professores e livros de desenhos para alunos de escolas públicas e escolas de arte; os seus livros influenciaram consideravelmente a educação artística americana.

Ademais, ele teve grande papel na luta contra a desigualdade de gênero no contexto educacional, através de suas atitudes progressistas em relação à educação para mulheres nos campos da arte e do design, para que elas pudessem se tornar educadoras nos meios artísticos. Ele também defendeu carreiras de design para mulheres e lutava para que as novas escolas de arte americanas não estivessem envolvidas no preconceito de gênero (CALLEN, 1979).

A propósito, é importante que a comunidade docente possibilite que os alunos internalizem diversos tipos de saberes, além do tecnicista, seja pela intervenção pedagógica ou pelo esclarecimento de valores em âmbito pessoal. O professor não tem somente a função de passar conteúdos científicos, mas também possui um pertinente papel social de constituir o estudante como cidadão, futuro profissional e indivíduo de valores éticos e morais. Enquanto se privilegia o conhecimento quase que inteiramente voltado para o cientificismo, essas teorias pedagógicas tecnicistas não abrem tanto espaço para os sentimentos, a imaginação, a subjetividade e a liberdade (LIBÂNIO; SANTOS, 2005).

Diante disso, é primordial a junção de saberes não apenas científicos para melhor assimilação da aprendizagem, mas de outros tipos de saberes, como o popular, o senso comum e outros meios menos convencionais, através da música, da dança, do teatro, da poesia, daquilo que enfeita os nossos dias. A arte não exerce somente a função de lazer, de ser contemplada apenas nas horas vagas, ou de execução de um hobby, mas também é criticidade, elemento facilitador da aprendizagem e dos processos educativos, é uma forma de ler, de se viver, de se movimentar e se comunicar no mundo. A expressão artística do aluno:

[...] traz à consciência aspectos internos para serem refletidos e podem ser recursos para o autoconhecimento. Ao se concentrar na elaboração de uma obra de arte o aluno trabalha criativamente, num diálogo recursivo consigo próprio. É, portanto, mais um espaço dedicado à convivência consigo mesmo. (MORAES, 2008, p. 272).

O fazer artístico dentro da sala de aula abre espaço para inúmeras discussões internas e externas. A arte traz o “ser” político à tona. É um meio de expressar a sua opinião, valores, desejos e vontades. Ou seja, através da arte também se exerce a democracia (FONSECA; ARRIADA, 2019). Basta lembrar, por exemplo, a época dos anos de chumbo, o período compreendido na ditadura militar, inaugurada em 1964 e vencida com a eleição indireta de um presidente da República civil, em 1985.

Durante o regime militar, a democracia deu lugar ao arbítrio, à censura, à perseguição política e à supressão dos direitos políticos e civis. Uma das formas de se rebelar contra o sistema autoritário e lutar pelo processo de redemocratização do país se deu por meio das artes (CAYSES, 2014). Apesar da censura severa às expressões e produções artísticas e do exílio de grandes vultos do mundo das artes, como compositores e intérpretes da música popular brasileira, tivemos canções eternizadas por erguerem a voz com plausível sabedoria contra o autoritarismo reinante. Bons exemplos de músicas fenomenais dessa era infeliz são as canções “Cálice”, de Chico Buarque, “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso, e “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré.

Inobstante, o processo educativo é para transformar a si, o outro, e a sociedade – este fenômeno é um ato revolucionário! Diante da forma que uma pessoa se apresenta ao mundo, a sua identidade é mutável (CIAMPA, 1984), pois em um dado momento o sujeito que permanece aluno, a posteriori, pode tornar-se o educador e, como diz Freire (1996, p. 94): “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”.

Tanto o discente quanto o docente carregam uma bagagem formada pela sua história de vida. São duas subjetividades se encontrando, independentemente da identidade ali exercida através daquela relação hierárquica. Em verdade, todos os envolvidos nos processos educativos, de forma consciente ou não, buscam mudar o mundo com a forma de se apresentar ao meio, tendo em conta suas subjetividades.

Por sua vez, a “Educação Libertadora” postulada pelo educador e filósofo brasileiro Paulo Freire refere-se sobretudo a uma educação conscientizadora. À medida que o indivíduo se conecta com a realidade, ele busca transformá-la, ou seja, tanto educador quanto educando aprofundam seus conhecimentos em torno do objeto para poder intervir sobre ele. A partir dessa pedagogia, o aprender torna-se um ato de conhecer a realidade. Para mais, a educação é uma prática política, que pode libertar as pessoas da ignorância social e possibilitar, assim, a luta pelos direitos básicos, tornando-os capazes de pensar e analisar o mundo (FREIRE, 1967).

O pensamento freiriano convoca o indivíduo para o processo de (auto)reflexão e criticidade das práticas pedagógicas desenvolvidas pela educação formal. Paulo Freire defendeu um saber sinônimo de liberdade, democracia e justiça através de uma educação humanizadora. Ainda, enfatizou a sua luta pela “[...]”

humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens” (FREIRE, 1987, p. 19).

Desse modo, a inserção das expressões artísticas como processo sensibilizador nas instituições de ensino superior torna-se uma prática indispensável, pois ela pressupõe uma prática dialógica na integração de conhecimentos e interação entre pessoas (FAZENDA, 2008).

A arte-educação também pode ser utilizada como uma intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem dos educandos de ensino superior (SOUSA, 2018). Entretanto, diferentemente do que se pode pensar sobre a utilização da arte no processo educativo, esse recurso pedagógico não objetiva produzir expressões artísticas em si, mas utilizar esse fenômeno como facilitador da aprendizagem, um agente promotor de autoconhecimento, uma ferramenta terapêutica eficaz. O produzir fenômenos artísticos é de suma importância, e a arte-educação busca utilizá-los como ferramenta educacional (GOHN, 2014).

A arte e a educação possuem uma interligação, à medida que uma colabora para o desenvolvimento da outra, resultando no produto social: uma educação que contribui para uma formação que privilegia as diversas formas do saber e da subjetividade humana, propiciando espaços para simbolizar a aprendizagem e seus processos educativos. Ou melhor, a arte-educação proporciona contribuições tanto para os processos educativos quanto para a transformação da sociedade.

O processo educativo se dá de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 1997, p. 19).

Nessa perspectiva, o fenômeno da arte-educação não vai possibilitar aspectos positivos apenas ao discente, mas a ambos que constituem a relação, porque os dois grupos da relação (discente e docente) estão sob a identidade de aprendizes. Aqui, a tarefa do docente:

[...] mesmo sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo 'do emocional. É preciso ousar para

ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais. (FREIRE, 1997, p. 8-9).

Com isso, o educador e filósofo Paulo Freire nos traz reflexões pertinentes sobre o processo educativo, não se fechando apenas ao papel social do aluno, mas também sobre o educador, da sociedade e dos modelos de aprendizagem presentes nas instituições de ensino. Ele ressalta que ensinar é um ofício que envolve tarefa, militância e especificidade no seu cumprimento.

O processo de transmitir saber através da arte possibilita o reconhecimento, aceitação e interação das diferenças biológicas, sociais, econômicas, culturais e políticas. Como realça Read (2016, p. 6): “a educação deve ser um processo não apenas da individualização, mas também de integração, que é a reconciliação entre a singularidade individual e a unidade social”. As exteriorizações artísticas junto às possibilidades educativas rompem lacunas sociais e se concretizam em um fazer artístico com finalidade educativa que inclui, através da expressão artística, a possibilidade de um aprendizado significativo e efetivo.

Durante a graduação, o uso de obras artísticas reconhecidas, ou não, em sala de aula pouco importa. Arte é arte. Por meio dessas obras, o docente, atuando como facilitador entre a arte e os discentes, suscita reflexões sobre a inclusão social, questões de gênero, sentimentos e emoções expressos na obra e neles, bem como promove o debate de assuntos relevantes para a cadeira ofertada, referenciando-se por artistas locais e internacionais. Isto leva a arte para um local social diferente, que talvez nunca fora antes visto pelo aluno.

Pode-se utilizar de manifestações artísticas já existentes, como também fazer com que os alunos explorem mais esse lado, com apresentações de trabalho através de uma poesia, do teatro, da dança, da pintura, de crônicas, contos, histórias narradas; passar um filme conectado ao assunto ofertado em sala de aula... São inúmeras as possibilidades da inserção artística na sala de aula. Em concordância com Pessoa e Muniz (2015, p. 11): “a arte-educação cumpre uma função crucial no processo de formação educacional, pois acontece através de um olhar repleto de possibilidades que os saberes da educação sozinhos não conseguiriam alcançar”.

A arte, em si, tem um imenso valor no processo educativo, inclusive por meio do cinema (7ª Arte), pois ostenta aspectos que são próprios da condição

humana. Os filmes têm a capacidade de transmitir facilmente mensagens e ideias que nos possibilitam analisar o comportamento dos personagens, nos identificar com a trama e de até nos envolver com o enredo. Quem nunca se comoveu ao ver um filme ou não sentiu raiva de um “vilão”? Os filmes conseguem fazer com que seja percebido como pode ser a experiência de uma pessoa com sofrimentos mentais; com problemas de relacionamento; alcoolismo e outras drogas com seus respectivos efeitos danosos; além do mais, fornecem base substancial para diálogos, discussões e debates.

Além do mais, uma indagação interessante é: “Quem é o artista?” “Quem pode ser nomeado ou se nomear como tal?” A resposta é um tanto subjetiva e abstrata. Acredita-se no presente trabalho que qualquer um pode ser artista, desde o reconhecido, o que tem obras publicadas, até o que faz os seus desenhos como recurso terapêutico dentro de casa, sem ninguém saber. Outrossim, a inserção da produção artística na sala de aula mesmo não sendo trazida por algum artista já com obra publicada, pode se tornar uma obra de arte enquanto produção através da arte-educação nas instituições de ensino superior, pois:

O que é uma obra de arte senão a transformação de uma ideia do artista em uma forma de apresentação que visa tocar os afetos? É a imaginação do artista que está na base de sua produção, ao transformar elementos de sua realidade externa ou interna, experienciada ou imaginada, e expressá-los, conformando-os a determinada linguagem que domina – pintura, poesia, música, fotografia, cinema, teatro. O caráter aberto de produções dessa natureza, ou seja, sua estética também favorecem a imaginação e a criatividade dos sujeitos que com elas interagem, pelo caráter de mediação estética que podem assumir. (SOUZA, 2018, p. 385).

A arte nasceu desde a pré-história como um impulsionamento do ser humano para a sua própria sobrevivência. Já o estudo sistematizado ocorre com os pré-socráticos, chamados de pré-cientistas, lá na Grécia Antiga, em um período no qual a sociedade ocidental saiu do pensamento baseado em mitos e dogmas, para entrar no pensamento científico baseado no ceticismo. Na época de Sócrates e seus contemporâneos, o pensamento científico se consolidou, principalmente com o surgimento do conceito de “prova científica”, ou repetição do fato observado na natureza (HISTÓRIA..., 2020).

A arte como facilitadora no ensino superior se faz necessária e importante para o desenvolvimento humano, podendo aperfeiçoar a linguagem, a coordenação motora fina, o encantamento e a magia de criar. Ainda, quando utilizada para fins educativos, ela é imersa em atividades contextualizadas, buscando transmitir o seu

papel integrador, plural e interdisciplinar enquanto prática social formativa (MATIAS, 2017).

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 21).

Outrossim, unir arte e ciência talvez pareça uma tarefa fácil, mas não é, sobretudo quando a relação arte-ciência se apresenta como dois opostos: de um lado, a ciência e todo o seu rigor metodológico, por vezes demasiado hermenêutico; e do outro, a arte como síntese de sentimento humano, que favorece a expressão e expansão do sujeito, sem muitas regras a serem seguidas (PETRONI, 2013).

Assim sendo, refletir sobre inovações na forma de ensinar na educação superior nos encaminha às questões de possibilidades de implementações, levando em conta a grade curricular do curso, gestões financeiras, metodologia, recursos didáticos e perfis profissionais (VEIGA, 2004). Entretanto, segundo Gadotti (1994, p. 579), na implementação de inovações em um plano político-pedagógico não há problema em “atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade”.

A arte na educação oportuniza tanto ao discente quanto ao docente o acesso à arte como uma linguagem expressiva e de conhecimento, pois há uma troca interacional, onde ambas as partes são afetadas e não voltam da mesma forma depois das manifestações sociais, na qual a arte é a fonte inesgotável que possui densos e extensos conteúdos, e significações (SOUZA; DUGNANI; REIS, 2018).

A forma pela qual se aproveitará a arte em sala de aula vai depender do contexto, pois a interação com a arte no ambiente educacional é diferente do contato com ela nos museus, do que em uma oficina de “arteterapia”, diferente também do contato com ela através do estudo sistematizado.

É assaz valioso ter uma intencionalidade na relação arte-indivíduo. Por mais que a “arte seja arte”, a forma de interação com esse fenômeno irá diferir a depender do contexto, da identificação com o tipo de arte e do local em que se está inserido. Contudo, a arte não deve ser limitada a algum grupo social, gênero, raça ou etnia, porque ela é um patrimônio cultural da humanidade, e, por direito, todo ser humano deve ter o acesso a esse tipo de saber. O art. 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) estatui que toda pessoa tem o direito de tomar parte

livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e dos benefícios que deste resultam (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Sob esse prisma, no tocante à educação de nível superior, no art. 66, do capítulo I – Do ensino superior – da Lei de Diretrizes Básicas, ficou determinado que o ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o envolvimento pedagógico das ciências, letras e artes, e a formação de profissionais de nível universitário (BRASIL, 1961). Nisto, constata-se a importância das artes para a concretização de um bom aproveitamento acadêmico.

Consoante o que foi visto até agora no presente trabalho, a arte tem a capacidade de integrar diversas áreas da vida humana, e a maneira como será internalizada vai depender do contexto em que a pessoa está inserida. Além disso, a arte produz efeitos relevantes e eficazes tanto no processo de aprendizagem, atenção e abertura de leques interacionais, quanto no autoconhecimento e autoinvestigação do sujeito; ela possibilita a construção do simbólico, o contato com as percepções sensoriais, dentre outras formas, fatos que serão abordados de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

4 “A ARTE DIZ O INDIZÍVEL”: a relação da arte com a subjetividade

“A arte diz o indizível; exprime o
inexprimível, traduz o intraduzível”.

(Leonardo da Vinci)

Como visto no capítulo anterior, o uso da arte é bastante assertivo no meio educacional, já que possui um indiscutível caráter terapêutico, observável através das identificações e das emoções sentidas quando se entra em contato. Por meio dela podemos corporificar a possibilidade de encontro com o reequilíbrio, com a compreensão de si mesmo e com a rememoração (BOTTON; ARMSTRONG; BOTTMANN, 2014).

Dessa forma, a arte na educação contribuirá para a formação do aluno em diversas esferas, pois ela “pode contribuir para trazer à vida do futuro profissional aspectos e questões que são próprios da condição humana, relacionados à estética, ao respeito à diferença, ao contato com o novo e às múltiplas discussões daí decorrentes” (SILVA, 2005, p. 163).

Portanto, a arte na educação facilita tanto o processo educacional quanto os aspectos psicológicos do discente. E de acordo com a Associação Portuguesa de Educação pela Arte, o processo educativo deve abrir um caminho para a formação do sujeito para além do processo de aprendizagem, pois esse fenômeno entrelaça o desenvolvimento da personalidade, da imaginação, da interação coletiva, da atividade motora, da criatividade, da expressão (LEITE, 2019).

A partir da forma em que a arte é inserida na vida do sujeito, ele constrói o simbólico para esse fenômeno; durante a fase da infância, muito se ouve que a arte é sinônimo de mau comportamento, através de vivências e frases do tipo: “olha aquela criança fazendo arte... Precisa se comportar”. Pouco depois, no desenvolver da idade, é comum a desvalorização da pessoa que resolve se tornar artista, como se isso fosse sinônimo de não levar a vida a sério ou que isso não é uma profissão “digna”. Algumas experiências ao longo da vida do sujeito com a arte podem levá-lo ao estreitamento dessa relação fenomenológica ou à criação de resistências. Sendo que “fazer arte” propicia ao sujeito expressar o que há de mais íntimo e pessoal por meio da criatividade e da fantasia. Em harmonia com Petroni (2013, p. 17):

A arte possibilita a atribuição de significados e sentidos, fazendo com que emoção, pensamento e ação se integrem, o que permite ao sujeito participar ativamente como produtor da realidade em que se insere ao mesmo tempo em que se constitui por meio dela.

A diferença do artista para o cientista é sentida em grande parte pelo significado que se dá para cada um, ou seja, pela semântica, visto que ambos estudaram, gastaram tempo e energia psíquica, abdicaram de prazeres momentâneos e “ralaram” para se tornar quem são. Entretanto, a maneira como são valorizados social e financeiramente constitui um outro tipo de diferença.

Segundo o compositor, professor e musicólogo brasileiro de origem alemã Hans-Joachim Koellreuter (1999, p. 2): “A sensibilidade no campo da arte depende, por sua vez, da inteligência, do ambiente sócio-cultural, da língua, da tradição, da cultura, da educação e de outros fatores similares”. Isto é, a valorização da arte vai depender de inúmeros fatores, inclusive do contexto educacional.

Com o fenômeno da educação através da arte, pode-se instrumentalizar o processo de aprendizagem, a capacidade cognitiva para elaborar conceitos, a compreensão de sua posição no mundo e a sua identificação com papéis sociais que desempenhará ao longo de sua vida; aquilo que o sujeito produz como expressão artística estará, de certo modo, resgatando a compreensão que ele tem de sua existência no plano da materialidade.

De acordo com Silva (2004), a arte-educação tem íntima relação com os aspectos psicológicos, pois passa a ser um dispositivo fortalecedor da relação entre a apropriação do conhecimento e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (percepção, atenção, linguagem e pensamento, por exemplo).

A verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam algo a mais, acima daquilo que nelas está contido. E este algo supera esses sentimentos... e assim se realiza a mais importante missão da arte. (VIGOTSKI, 1999, p. 307).

A inserção da arte nos processos educativos enriquece a sensibilização e o desenvolvimento psíquico, social, cognitivo, estético e físico do indivíduo. Portanto, a arte na educação pode ser um poderoso meio de investigação, no sentido de proporcionar ao sujeito uma compreensão dos aspectos subjetivos de si, integrando-o numa dinâmica social que tem em si valores subjetivos, históricos e culturais.

Um referencial nos estudos dos benefícios oriundos de um ensino artístico sensibilizador para o ser humano é o psicólogo Howard Gardner, o qual liderou

estudos sobre as Inteligências Múltiplas, na Universidade de Harvard, em 1980. Preocupado em investigar o funcionamento da inteligência humana, os processos de percepção, criatividade e os mecanismos de simbolização, ele vê no aprendizado das artes uma possibilidade de o indivíduo se desenvolver cognitivamente em múltiplas dimensões (LIMA; PICOLLO; LIMA, 2015).

Ainda, segundo o psicólogo e educador da Universidade Harvard, Gardner, (1995, p. 29) há sete tipos de inteligências, dos quais todas as pessoas têm um pouco dentro de si, mas cada indivíduo tem um desses tipos mais desenvolvido dentro de si e que se sobrepõe aos demais modos do saber. Entre elas, estão as inteligências que envolvem desde a lógica matemática até a percepção de espaço, o que leva a um pensamento e a uma compreensão mais elaborada do “ser” humano e suas formas de se relacionar com o meio social e de reconhecer as suas capacidades intelectuais, pois tira o sujeito de um fechamento em que só há uma possibilidade de expressão do saber. Todavia, “as múltiplas faculdades humanas são independentes em graus significativos”, ou seja, todas as pessoas são inteligentes e de capacidade pensante, embora de maneiras diferentes.

O “tipo de inteligência” de cada sujeito é aperfeiçoado, ou não, dependendo dos estímulos que ele recebeu ainda na infância dentro do ambiente cultural que o cercou. Nessa concepção, as instituições de ensino poderiam oferecer uma formação que possibilitasse o desenvolvimento dos potenciais individuais, permitindo e favorecendo situações de aprendizagem que contemplem a pluralidade de manifestações e expressões do intelecto (PICCOLO; SILVA, 2010).

O presente trabalho não defende que exista alguma ferramenta facilitadora na educação melhor que a outra. Também não postula o menoscabo de algum tipo de “saber”, seja ele científico, lógico, corporal, artístico, etc. Pelo contrário, busca-se analisar a importância da dimensão subjetiva do indivíduo e defender a hipótese de que deve haver uma maior inserção da arte nos processos educativos dentro das instituições de ensino superior, para além do saber técnico-científico. Pensando assim, é imprescindível abrir caminhos para que o sujeito tenha acesso a diferentes estímulos, e assim seja favorecido o desenvolvimento das diversas inteligências (GARDNER, 1999).

Ao estimular o desenvolvimento social e educacional do discente, o educador lhe permitirá fomentar suas habilidades interpessoais e intrapessoais, as quais o ajudarão na sua vida acadêmica, pessoal e no seu futuro profissional.

Nessa operação, o mediador do conhecimento, que é o professor, tem o papel crucial de incentivar a incursão do discente pelo “mundo artístico”, oferecendo-lhe o melhor suporte, de modo que venha a somar na sua formação e crescimento, visto que “quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social” (ALBINATI, 2009, p. 4).

Os alunos, que têm a arte como facilitadora nos processos educativos, tornam-se capazes de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo e decodificando formas, sons, gestos, movimentos que estão à sua volta. O exercício de uma percepção crítica das transformações que ocorrem tanto na natureza quanto na cultura pode criar condições para que os alunos percebam o seu comprometimento na manutenção de uma qualidade de vida melhor (BRASIL, 1998).

A arte na educação é transformadora ao permitir que o aluno realize um trabalho que envolve a mente, o coração, os olhos, os ouvidos, as mãos; que pensa, recorda, sente, observa, escuta, fala, toca e experimenta como encontramos em Bossi (2001), as linguagens artísticas mudam a sociedade, abre espaços para a criatividade, o olhar e pensamentos críticos dando oportunidades para os educandos se desenvolverem, conhecendo novas formas de aprender. Por tudo isso que ela representa é extremamente importante o entendimento de que a arte na educação é uma forma de conhecimento na qual se estabelecem relações sociais e afetivas significativas que promovem a construção de conhecimentos. Da Educação Infantil ao Ensino Médio e Superior, o Ensino da Arte se faz necessário e importante para o desenvolvimento humano, podendo aperfeiçoar a sua linguagem, coordenação motora fina, o encantamento e a magia de criar, entre outros aspectos importantes para o desenvolvimento. (MATIAS, 2017, p. 6-7).

As artes, como dança, música e outras manifestações, são meios para emancipar o sujeito, potencializar a capacidade de imaginação e viabilizar a circulação de sentidos sobre a superação das desigualdades sociais, retirando o sentimento de incredulidade quanto as possibilidades de mudança (ZANELLA, 2003 apud FORTES, 2014).

Fazer arte permite ao indivíduo se expressar de forma a romper limites socialmente impostos pela padronização dos movimentos ou até mesmo superar a dificuldade na execução de ações por conta de algum sofrimento mental, pois não há impedimentos para a produção artística. É possível notar isto através do exemplo de uma das dançarinas indianas mais famosas do mundo, Sudha Chandran, que sofreu

um acidente e teve que amputar a perna, mas mesmo assim continuou a dançar; também o caso do famoso pintor holandês Vincent Van Gogh, reconhecido como um dos maiores pintores do mundo, mas que possuía uma das orelhas cortadas por si mesmo e vivia em sofrimento mental por conta da depressão. Para ilustrar com outro entre tantos exemplos, temos ainda o compositor alemão Ludwig van Beethoven, discípulo de Mozart, gênio da música que criou inúmeras sinfonias e concertos, que teve no auge de sua carreira perda considerável da audição (NOGUEIRA, 2010).

Para remate, uma comovente história de superação foi observada na relação de influência de uma docente na vida de uma aluna, que é retratada em um filme baseado em fatos reais chamado “*O Milagre de Anne Sullivan*”. A obra cinematográfica narra a tentativa e conquista da professora Anne Sullivan, ao fazer com que Helen Keller, sua aluna cega, surda e muda se adapte ao meio social, por mais que seus pais a tratassem de forma superprotegida, como se não fosse capaz de viver de modo independente. A professora ensinou sua pupila deficiente a se comunicar através da soletração das palavras pelas mãos, e depois lhe dava um objeto referente à palavra. Ou seja, deu-se o aprendizado por meio da língua de sinais, através do tato. Como resultado dessa operação engenhosa, a aluna Kellen tornou-se escritora, filósofa, ativista política por direitos das minorias e das pessoas com deficiência e palestrante, chegando a viajar por trinta e nove países (BARROS; COSTA, 2014).

Essa atividade [da arte] se estende a todos os seres humanos, e não é mais ocupação exclusiva de uma confraria especializada que exige diploma para nela se ter acesso. A vontade de arte se manifesta em qualquer homem de nossa terra, independente do seu meridiano, seja ele papua ou cafuzo, brasileiro ou russo, negro ou amarelo, letrado ou iletrado, equilibrado ou desequilibrado (ITAÚ CULTURAL, 2016, não paginado).²

Os processos artísticos na vida das pessoas dependem de meios facilitadores. Dessarte, o transmissor precisa entender a arte como um processo valoroso na vida no sujeito, inclusive do estudante, para facilitar o reconhecimento da importância da inserção artística na vida dos sujeitos, discentes sobretudo. A arte é um caminho de transformação subjetiva.

² “Trecho da conferência Arte, Necessidade Vital pronunciada por Mário Pedrosa (1900-1981) na ocasião do encerramento da exposição de pintura dos pacientes do Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, realizada em 1947, no salão do Ministério de Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e publicada no mês seguinte no jornal ‘Correio da Manhã’” (ITAÚ CULTURAL, 2016, não paginado).

A médica psiquiatra brasileira Nise da Silveira já encontrava imenso significado na arte com o seu trabalho revolucionário no tratamento de pessoas em sofrimento mental, pois foi uma das humanizadoras no trabalho de Saúde Mental no Brasil.

Nesse sentido, visamos coordenar intimamente olho e mão, sentimento e pensamento, corpo e psique, primeiro passo para a realização do todo específico que deverá vir a ser a personalidade de cada indivíduo sadio. Na busca de conseguir esta coordenação, fazemos apelo às atividades que envolvam a função criadora existente, mais ou menos adormecida, dentro de todo indivíduo. (SILVEIRA, 1986, p. 11).

Para mais, ela ia de encontro com as práticas manicomiais de sua época, e com isso utilizou-se de métodos pouco convencionais para a sua geração, desde a arte até a utilização de animais como coterapeutas, através do que se chama hoje de Terapia Assistida por Animais. A propósito, Nise da Silveira publicou um livro intitulado “*Gatos, a Emoção do Lidar*” (1998), que dedicou aos seus pacientes.

[...] porque as vivências sofridas pelos pacientes, bem como as riquezas de seu mundo interior, invisíveis para aqueles que se detêm apenas na miséria de seu aspecto externo [...] apontam para a necessidade de uma reformulação da atitude face a esses doentes e de uma radical mudança nos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos. (SILVEIRA, 1992, p. 18).

Ademais, ela foi uma revolucionária e uma das pioneiras no processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil, construindo a primeira organização a desenvolver um projeto de desinstitucionalização dos manicômios no Brasil, a casa das Palmeiras. Ela também investiu em oficinas de teatro, ateliês de desenho e pintura, visando à produção artística livre, isto é, com o que vinha à mente, e mais tarde algumas dessas expressões artísticas compuseram o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro - RJ.

Essa criação da arte livre não teve influência da arte erudita ou mesmo da arte popular tradicional, chamada “arte bruta”. Ela foi criada pelo pintor francês Jean Dubuffet, a qual corresponde a uma forte motivação intrínseca criada com materiais e técnicas inéditas e improváveis, oriundos de fora do meio artístico convencional, a exemplo dos internos em hospitais psiquiátricos e os autodidatas isolados não doentes (ARTE..., 2020).

Dentro da luta pela reforma psiquiátrica através de manifestações artísticas, nota-se o artista Arthur Bispo do Rosário, o qual foi diagnosticado como esquizofrênico paranoico e passou cinquenta anos no regime totalitário “Colônia Juliano Moreira”, em Jacarepaguá – RJ. Ele também se tornou um dos grandes símbolos da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial. O artista se utilizava da arte

Figura 9 - Manto para Apresentação no Céu



Fonte: Equipe Anual Design (2017)

Para Melo (2001), a arte permite a expressão de vivências esclarecedoras acerca dos processos psicológicos, por darem forma visualmente às emoções mais íntimas e secretas. A médica humanizadora igualmente visava a produção de obras singulares e subjetivas com um clima de liberdade, por acreditar que os estudos da arte possibilitam o contato com as mais profundas formas de expressão das emoções humanas. Com efeito, a produção artística é interligada pelos sonhos, fantasias, traumas e rastros da infância vividos pelo indivíduo (ANDRADE, 2000).

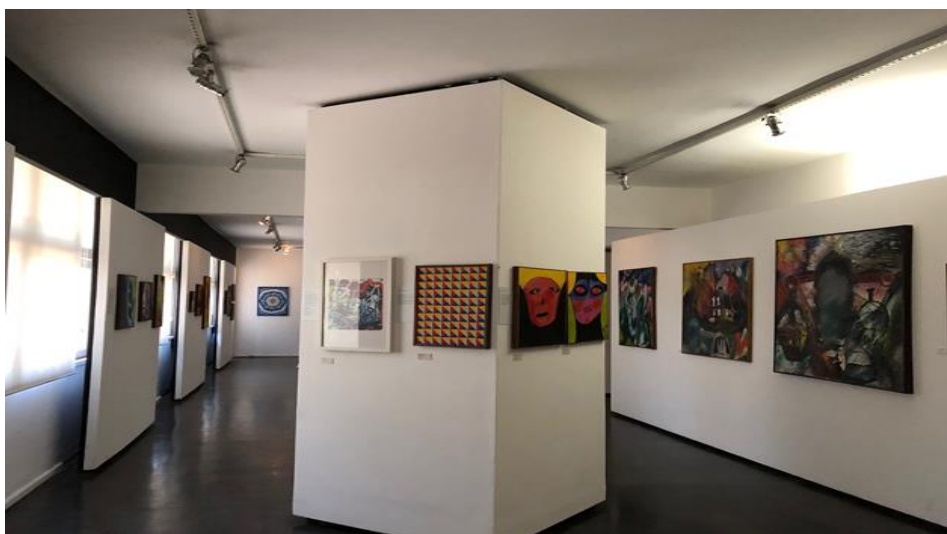
O relevante trabalho e a sensibilidade de Nise da Silveira servem como referência até os dias de hoje, daí destacando-se duas obras literárias suas: “*Imagens do Inconsciente*”, de 1982, e “*O Mundo das Imagens*”, de 1992. Como simples ilustração, segue-se a imagem da renomada e brilhante artista, Nise da Silveira, e, logo depois, uma pequena mostra do Museu de Imagens do Inconsciente (figuras 10 e 11):

Figura 10 – Nise da Silveira



Fonte: Dulce (2018)

Figura 11 – Museu do Inconsciente, Rio de Janeiro - RJ



Fonte: Leite (2020)

Destarte, a atividade artística promove a saúde mental e a qualidade de vida por ter a capacidade de incitar emoções nas pessoas quando elas entram em contato com a arte, podendo causar euforia, incômodo, felicidade, tristeza... Todas as emoções são importantes para a vida humana! Adentrando-se os escaninhos das expressões artísticas, entra-se em contato com aspectos, às vezes, recônditos da vida humana e de sua existência. A arte é mais do que “parecer bonita”, pois revela todo o seu valor e potencial pela comoção que transmite à vida. É uma forma de dar sentido

àquilo que se vive. Por exemplo, observe a obra *Fernando Pessoa*, do pintor norte-americano Richard Serra (figura 12):

Figura 12 – Richard Serra, obra *Fernando Pessoa* (2007-2008)



Fonte: Serra (2008)

De par com a interpretação de Botton, Armstrong e Bottmann (2014, p. 26), o contato com essa obra de arte não transmite a ideia de “anime-se, a vida é bela!” Ela passa o sentimento de que o sofrimento faz parte da vida; confia-se através dela que será possível reconhecer e aceitar a legitimidade das mais sombrias e solenes emoções. A obra proclama ali que há elementos centrais e universais de vida. A dor é apresentada de maneira digna, não de maneira específica por conta de determinado fato; mas, sim, o trabalho artístico revela uma emoção onipresente e grandiosa, como se dissesse: “não ignore nem descarte a sua dor”.

Muitas coisas tristes ficam ainda piores porque achamos que somos os únicos a sofrer. Sentimos a nossa desgraça como uma maldição ou como demonstração do nosso caráter maldoso e degenerado. Assim, o nosso sofrimento não tem dignidade; parece provir apenas da nossa esquisitice. Precisamos de ajuda para enxergar honra em algumas das piores experiências por que passamos, e a arte está aí para lhes dar uma expressão social [...] em vez de insistirmos na nossa importância espezinhada para reparar as humilhações que sofremos, podemos nos dedicar, com a ajuda de uma obra de arte, a perceber e vir a apreciar a nossa essencial nulidade. (BOTTON; ARMSTRONG; BOTTMANN, 2014, p. 26-30).

O contato com o outro traz muitos ensinamentos, tortuosos até, inclusive o de valorizar alguns sentimentos em detrimento de outros, como se houvesse emoções para se levar a sério, e outras não. Isso faz com o que os indivíduos sejam impelidos até à desditosa luta por abafar algumas dessas emoções; noções de que haja sentimentos “ruins” e “bons” é prejudicial para a saúde mental, pois muitos sentimentos ignorados, mas fundamentais à formação da psique, irão aparecer de alguma forma, por estarem como um “corpo estranho” no psiquismo do indivíduo precisando ser “lançado fora”. E, com isso, o que foi sublimado ou recalçado vai aparecer em forma de sintomas, e o contato com a arte pode ajudar a expressar esses sentimentos reprimidos. A sublimação na arte se refere aos processos psicológicos de transformação, em que as experiências ordinárias e pouco significativas resultam em produto nobre e refinado – exatamente o que pode acontecer quando o sofrimento e a arte se ombreiam (METZGER, 2015).

Outrossim, a arte possui um papel fundamental na criação de uma sociedade civilizadora e humanizante, assumindo um sutil papel educador, por meio das músicas que se escuta, dos filmes assistidos, das fotografias que se tem em casa ou até mesmo no celular. Por meio disso tudo, a arte proporciona a sensibilidade para a sensualidade do veludo na pele, o fascínio pelas paisagens pintadas, o sentimentalismo contido nas poesias. Definir uma das tarefas da arte pode ser a de nos ensinar a sermos bons amantes de rios, rodovias, do céu e até das pedras, por mais que as pessoas possuam fragilidades psicológicas associadas à contemplação da natureza (BOTTON; ARMOSTRONG; BOTTMANN, 2014).

No tocante às artes, a íntima relação com elas facilita um olhar mais sensível, torna a vida mais leve e cheia de sentimentos, uma eterna produção de emoções profundas com coisas simples, como entrar em contato com a beleza pictórica da natureza, o embalo em uma rede, a grama nos pés, a areia da praia entre os seus dedos, o riso de uma criança, o cheiro de um livro recém-impresso.

As simples coisas do cotidiano podem sensibilizar as pessoas e apresentar-lhes um estado de espírito que as remeta a uma profunda paz e enlevo, a exemplo das pinturas paisagistas que contemplam aspectos da natureza, como os mares, rios, quedas d'água, árvores e matas, montanhas, o céu, etc. A arte na natureza confere prestígio, à medida que produz sentimentos de identificação, sonhos e beleza (BARBOZA, 2005).

Na ciência da Psicologia se estuda a influência das expressões artísticas nos processos psicológicos, pois eles se manifestam por meio da arte, que pode se apresentar como recurso terapêutico e até como uma ferramenta para melhorar o desenvolvimento da aprendizagem e promover a inclusão social. Para mais, Vygotski (1998), na obra *Psicologia da Arte*, expressa que a arte está intrinsicamente ligada à vida e que, quando produzida, a pessoa cristaliza processos psicológicos que podem ser apropriados por quem a contempla.

A arte está para a vida como o vinho para a uva - disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material. (VYGOTSKI, 1998, p. 307-308).

A relação fenomênica entre o sujeito e a arte revela aspectos que se traduzem em objeto de estudo da ciência psicológica, pois ali se manifestam os seus sentimentos e emoções, aspectos íntimos de sua maneira de pensar e o modo como vivencia e lê o mundo. Diante disso, portanto, deve-se levar em conta a subjetividade do indivíduo, uma vez que ele, segundo Saviani (2004, p. 46), “só pode tornar-se homem se incorporar, em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convive”.

Compreender a arte, como objeto de estudo psicológico, como algo peculiar de cada indivíduo facilita sobremaneira a transmissão e a captação do conhecimento, visto que cada pessoa possui vertentes históricas e culturais próprias que compõem a sua história de vida (VYGOSTKY, 1999).

Porquanto os indivíduos se diferem entre si, em termos de pensamentos, ideologias, aspectos físicos, mentais e espirituais. Tem-se, então, que a inclusão social das diferenças humanas é um ganho coletivo, para todos os envolvidos nos processos educativos, pois todos são capazes de aprender, mesmo com estilos, formas e características de aprendizagem diferenciadas, que precisam ser compreendidas pelos agentes da mediação, em um contexto educacional (SOARES; MATOS; XAVIER, 2018).

É de se ressaltar, por fim, que a arte produz efeitos psicológicos nas pessoas de forma ímpar e eficiente, a depender do contexto em que ela é inserida, da forma como é apresentada, da afinidade do sujeito com o tipo de arte, ou seja, tudo em suma depende da forma como é transmitida, da história de vida do sujeito, de sua subjetividade.

Inobstante, é inegável que a arte ostente elementos que produzem efeitos tão positivos na *psique* das pessoas, compreendendo-se, então, que a arte é fundamental para a sobrevivência humana e para o “movimentar-se”, enquanto indivíduos, uma vez que a espécie humana se estabeleceu principalmente por conta dos processos artísticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O fato é que não há verdadeira educação sem arte, nem verdadeira arte sem educação”.

(Luiz Camnitzer)

Quando escolhi esse tema de arte e educação, eu procurava algo que fazia sentido para mim, primeiramente. Eu sabia que gostaria de escrever sobre a arte, mas me perguntava com o que eu relacionaria esse valioso fenômeno. Então, comecei a me lembrar das aulas em que utilizei a arte para produzir conhecimento, que apresentei trabalhos também para aprender ou assimilar constructos psicológicos e das vezes em que foi apresentada a arte como facilitadora nos processos educativos pelas professoras, na minha instituição de ensino. Com isso, floresceu o tema do presente trabalho, em razão do que fui me envolvendo sentimental, física e mentalmente na construção dessa investigação.

Ao lançar-se um olhar prospectivo sobre a arte como facilitadora dos processos educativos nas instituições de ensino superior, percebeu-se com meridiana clareza a sua valiosa contribuição na dinâmica de transmissão do conhecimento. A expressão artística no contexto educacional exerce diversas funções, notadamente como recurso terapêutico e ferramenta facilitadora no meio educacional. A arte fomenta o autoconhecimento e a autoinvestigação, bem como instiga a sensibilidade humana, contribuindo tanto no tocante aos aspectos pessoais quanto profissionais do discente, além de promover uma maior inclusão social, visto que a arte não pode ser subjugada, reduzida ou condicionada por fatores físicos ou limitações mentais.

Segundo Santana (2004, p. 10), “Ela [a arte] se entrelaça com os objetivos da Educação Inclusiva ao ter como meta desenvolver a autoestima, autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar, fazer julgamentos e um pensamento mais flexível”.

Com efeito, na nossa pesquisa foi estudado que, no curso da história, a arte tem revelado um caráter intrínseco no processo de desenvolvimento e perpetuação da espécie humana, porquanto o homem pré-histórico se estabeleceu, como indivíduo e na tipologia gregária, através da pintura rupestre, da dança, da música, etc.

Nos dias atuais, a sua funcionalidade não se difere tanto, pois a arte ainda é muito utilizada em rituais religiosos, comunicação, transmissão de tradições e valores, promoção de debates, diálogos e discussões, no desenvolvimento do senso crítico e por possibilitar o “expressar-se” enquanto ser social e político, uma vez que a manifestação de opiniões e convicções precede um estado democrático de direito.

Percebemos no decorrer da pesquisa a ratificação do quanto a arte é importante na educação e que, sem ela, o ser humano não teria se desenvolvido tanto no coletivo, considerando que a arte é uma ferramenta para (sobre)viver.

Amante das palavras e letras, conseguir enxergar que a junção de cada letrinha se transforma em poesia, em história, em fato, em Arte. O que seria a Arte? Para mim, a melhor forma de se expressar, viver, elogiar e criticar. Sempre soará de forma leve. Sinônima da liberdade, clareza, despreensão e audácia. Mergulhar na Arte é uma aventura, como em um mar sem fim, mas, mesmo assim, encontrando uma saída. Do corriqueiro. Da agitação. Da angústia. Da pós-modernidade. É viver corajosamente, em busca de um sentido que só nós entenderemos. Aaah... a Arte... Minha travessa. A alma do artista sempre estará ligada à sensibilidade das coisas, das gravuras, dos toques, das palavras, dos sons. Vivemos da Arte e somos a Arte. Enfim, faça Arte e vivo d'Arte. Escrever é Arte. (FERRAZ, 2019, p. 62).

As manifestações artísticas requerem um olhar sensível, que é desenvolvido a partir do constante contato com essas expressões. Quem nunca leu um poema e sentiu a alma do poeta? Ou já se deparou com uma pintura que fustigou memórias adormecidas? Ou assistiu a um filme e se sentiu tão envolto com a trama? Assim acontece também no contexto educacional: a arte possibilita o contato entre o discente, o docente e o conteúdo programático, facilitando os processos educativos, mediante um despertar da sensibilidade humana.

Outrossim, foi notado que o processo educativo vai além da transmissão dos saberes, porque é preciso que a educação esteja adaptada, a fim de permitir ao homem construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer cultura e história. (FREIRE, 1980).

No mais, é assaz importante realçar que a noção de arte no presente trabalho foi referenciada pela conceituação do filósofo americano Weitz (2004), de que a arte é um fenômeno aberto, sem necessidade de enquadrá-la em um fechamento. Isto é, reduzir algo de imenso significado e tamanho em uma definição iria diminuí-la em relação à sua magnitude; então, a arte como conceito aberto, na conceituação weitziana, consiste em acreditar que ela se recria constantemente, sendo impossível de defini-la.

Dessarte, como foi visto ao longo do trabalho, quando se estuda a arte na educação, torna-se essencial mencionar o nome do poeta britânico Read (2016), de vez que ele é considerado um dos pioneiros na abordagem do processo de educação pela arte, ao defender a ideia de que a arte devesse ser a base da educação. O pioneiro nessa tratativa possuía forte influência do filósofo grego Platão quanto à função da arte na educação, em termos diretamente aplicáveis às atuais necessidades e condições do ser humano.

Assim, a arte nos processos educativos das instituições de ensino superior pode ser introduzida de diversas maneiras, a depender do moderador da transmissão do saber. Ela pode ser trabalhada no contexto epistemológico, tanto como forma a ser contemplada, e a partir daí fornecer informações valiosas para o enriquecimento do ensino ofertado, quanto como uma obra a ser produzida em sala de aula, através de teatro, poesias, pinturas, danças, etc.

Portanto, quão salutar e positivo seria se os docentes se utilizassem mais de recursos artísticos para ajudar os alunos a aprenderem, lançando mão, por exemplo, de poesias, contos e crônicas temáticos atinentes ao assunto que está sendo explorado; de peças teatrais para representar um tema; ou de um filme de que se valha para fazer uma análise interessante, vinculando-a aos assuntos dados em sala de aula; da estimulação da escrita com a criatividade, imaginação, inovação e singularidade.

À vista disso, não há a necessidade de estabelecer-se uma rigidez na transmissão do saber, mas sim discussões moderadas que envolvam todos do grupo social. Em suma, o papel do professor é fundamental para o estabelecimento do coletivo, pois é dele que procedem todas as formações profissionais, todo o funcionamento de uma sociedade. Um agrupamento social bem desenvolvido é aquele que investe na produção de conhecimento eficaz e relevante para todos. Se o conhecimento é poder, que todos sejamos super-heróis.

O presente trabalho reveste-se de tamanha importância por trazer um tema inovador, criativo e relevante para o mundo da pesquisa, o qual envolve arte, paixão e cientificidade. Acreditamos que a arte propicia um dos maiores dons ao ser humano: a capacidade de sentir. Ela traz sentido à vida, possibilita sentirmos o mundo e a nós mesmos, além de ativar todas as emoções existentes em nós.

Para produzir a presente pesquisa, buscou-se grandes nomes da área artística, científica e filosófica, porque abraçamos a ideia de que não há estudo sem a

transdisciplinaridade, com a junção de diversas fontes do saber. Quando buscamos as fontes bibliográficas, na construção do presente trabalho de conclusão de curso, pesquisamos autores que fossem envolvidos com as expressões artísticas, ou seja, além de cientistas ou filósofos, no mínimo artistas ou apaixonados por esse mundo dos sentidos.

Somos feitos uns pelos outros. Do mesmo modo, o trabalho científico é feito por pedacinhos de cada bibliografia que dá sentido ao trabalho. Como também não existe nada para si, mas sempre em relação ao outro (CIAMPA,1984), assim é a produção de cada trabalho, do mundo científico para a construção da sociedade.

Pela limitação do expor artístico no presente trabalho, por se tratar de um trabalho científico com rigores a serem seguidos, tentamos trazer um ar artístico o máximo possível pela sensibilidade das palavras, no amor descarregado por detrás de cada linha, no encanto por cada história inspiradora descrita, nas poesias e pinturas apresentadas.

Nesse panorama, a arte é tão indispensável que presentemente a junção da arte com a tecnologia se tornou uma experiência ainda mais transformadora, uma vez que no período de pandemia pela *Corona Virus Disease – 2019 (Covid-19)*, em que algumas atrações culturais foram fechadas para diminuir a disseminação e o contágio das pessoas, diversos museus e galerias de arte do mundo inteiro disponibilizaram exposições artísticas virtuais, a exemplo do Louvre, Pinacoteca di Brera, Museu Britânico, Museu do Vaticano, National Gallery of Art, Museu Del Prado, e outros.

No mais, o processo educativo não se limita à simples transmissão de conhecimento, mas dirige-se resolutamente no sentido de proporcionar ferramentas que possibilitem ao discente ter contato consigo mesmo, com o outro e com objeto de estudo apresentado. A ferramenta imprescindível defendida no presente trabalho, como já visto, é a artística, que é enaltecida na presente pesquisa, por se acreditar que é uma facilitadora dos processos educativos, incontestável detentora de um imenso valor social, político, econômico e cultural. Em síntese, fechamos o trabalho com a citação de Freire (1985, p. 125) considerando necessário “um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente.”

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. Quais são as 7 artes? *In*: ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. **Artigos**. São Paulo, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/quais-sao-as-7-artes/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. **Artes visuais: artes II**. Belo Horizonte, 2008.
- ALMEIDA, Vasni de (org.). **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história**. Palmas: Eduft, 2018.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 2, p. 61-69, fev./jul. 1992.
- AMARO, Marcos. Entre a loucura e a genialidade: o legado de Bispo do Rosário. *In*: SAMBRANA, Carlos; MANZONI JÚNIOR, Ralphe; ORAZEM, Eloá. **Blog Neo Feed**. [S. l.], 20 dez. 2020. Disponível em: <https://neofeed.com.br/blog/home/entre-a-loucura-e-a-genialidade-o-legado-de-bispo-do-rosario/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- ANDRADE, Liomar Quinto de. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- ANTUNES, Mitsuko. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Luís, v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2016.
- ARTE bruta. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_bruta. Acesso em: 18 mar. 2021.
- ASSIS, Tatiane de. 'Abaporu', de Tarsila do Amaral, volta a casa em grande exposição no Masp. **Veja**, São Paulo, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/abaporu-tarsila-do-amaral-masp/>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BACELAR, Jorge. Poesia visual. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, [S. l.], 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-poesia-visual.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARBOZA, Jair. **Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

BARROS, Leonardo *et al.* Lirismos de quinta. **Extravirgem**, [S. l.], 14 abr. 2011. Disponível em: <https://extravirgem.wordpress.com/tag/poesia-visual/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de; COSTA, Elaine Cristina Pereira. O filme O Milagre de Anne Sullivan auxiliando o trabalho do professor na escola: contribuições para uma educação inclusiva na formação de docentes. **Sinapse Múltipla**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 77-85, jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/6050/6722>. Acesso em: 10 maio 2021.

BAUER, Jonei. O que é museu? *In*: TRÍSCELE. **Blog**. Florianópolis, 31 mar. 2017. Disponível em: <https://www.triscele.com.br/triscele/o-que-e-um-museu>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BEARDSLEY, Monroe C.; HOSPERS, John. **Estética**. História y fundamentos. Madrid: Cátedra, 1990.

BORN, Patriciane Teresinha. **Entre a docência e o fazer artístico**: formação e atuação coletiva de professor artistas. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69926/000875490.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, Jose Aloyseo (orgs.). **Aprendizagem**: processos psicológicos e o contexto social na escola. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOTTON, Alain de; ARMOSTRONG, John; BOTTMANN, Denise. **Arte como terapia**. São Paulo: Intrínseca, 2014.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Fixa%20as%20Diretrizes%20e%20Bases%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional.&text=a%20condena%C3%A7%C3%A3o%20a%20qualquer%20tratamento,de%20classe%20ou%20de%20ra%C3%A7%C3%A3o.&text=À%20fam%C3%ADlia%20cabe%20escolher%20o,deve%20dar%20a%20seus%20filhos>. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. v. 6.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CALLEN, Anthea. **Mulheres artistas do movimento de artes e ofícios, 1870-1914**. Nova York: Pantheon Books, 1979.

CASA das praças. *In*: BLOCO ARQUITETOS. **Arquitetura**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://www.bloco.arq.br/arquitetura/casa-das-pracas/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CAYSES, Julia Buenaventura Valencia de. Isto não é uma obra: arte e ditadura. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 115-128, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/cNjr3mccQsHpvw7bSJBRLZq/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2021.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In*: CODO, Wanderley; LANE, Silvia T. M. (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-77. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3245305/mod_resource/content/1/CIAMPA%2C%20A.%20C.%20Identidade..pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

CLUBE DA ARTE. O Pensador: Auguste Rodin. **Flipcard Clube da Arte**, [S. l.], 2016. Disponível em: <http://clubedaarteescolar.blogspot.com/2016/07/o-pensador-auguste-rodin.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

DANTAS, Tiago. Arte rupestre. *In*: MUNDO EDUCAÇÃO. **Artes**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/arte-rupestre.htm>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DULCE, Emilly. Nise da Silveira: a mulher que revolucionou o tratamento mental por meio da arte. **Brasileiro de Fato**, São Paulo, 15 fev. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/02/15/nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratamento-da-loucura-por-meio-da-arte>. Acesso em: 15 abr. 2021.

EQUIPE ANUAL DESIGN. Bispo do rosário em Veneza. *In*: ANUAL DESIGNE. **Blog**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://anualdesign.com.br/blog/2639/bispo-do-rosario-em-veneza>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FAZENDA, Ivani (org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FERRAZ, Sarah Caroline. **Mulher, arte e liberdade**. São Luís: [s. n.], 2019.

FONSECA, Liziane Nolasco; ARRIADA, Eduardo. História da arte no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). **Revista Seminário de História da Arte**, Pelotas, v. 1, n. 8, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/17907/10835>. Acesso em: 10 maio 2021.

FORTES, Pollianna Galvão Soares. **Psicologia escolar em organização não governamental: um estudo sobre o perfil profissional**. 2014. 185 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **The politics of education**: culture, power, and liberation. Westport: Bergin and Garvey, 1985.

GADOTTI, Moacir. Pressupostos do projeto pedagógico. *In*. CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS, 1994, Brasília, DF. **Anais** [...]. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1994.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Tradução Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom**: os princípios básicos para uma nova educação. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOHN, Maria da Glória. A produção sobre movimentos sociais no Brasil no contexto da América Latina. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 79-103, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p79/28928>. Acesso em: 15 maio 2021.

GUIDON, Niède; MARTIN, Gabriela. A arte global num único destino: a sobrevivência. *In*: GLOBAL ROCK ART, 2009, São Raimundo Nonato. **Anais** [...]. São Raimundo Nonato: Global Rock Art, 2009.

GULLAR, Ferreira. Beleza ainda põe mesa. **Folha S. Paulo**, São Paulo, 21 jul. 2013. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2013/07/1313789-beleza-ainda-poe-mesa.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2021.

HISTÓRIA da ciência. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Laparotomia>. Acesso em: 18 mar. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Acervo Bispo do Rosário é o mais novo Patrimônio Cultural do Brasileiro**. Brasília, DF, 19 set. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4835/acervo-bispo-do-rosario-agora-e-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Arte e psiquiatria**. São Paulo, 2016. Disponível em: [https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/?content_link=4#:~:text=equilibrado%20ou%20desequilibrado."- ,Trecho%20da%20conferência%20Arte%2C%20Necessidade%20Vital%20pronunci](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/?content_link=4#:~:text=equilibrado%20ou%20desequilibrado.)

ada%20por%20Mário%20Pedrosa,no%20mês%20seguinte%20no%20jornal.
Acesso em: 10 maio 2021.

ITAÚ CULTURAL. Minimalismo. *In*: ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia Itaú Cultural**. São Paulo, 21 set. 2015. Disponível em:
[http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3229/minimalismo#:~:text=O%20minimalismo%20se%20refere%20a,Kooning%20\(1904%2D1997\).&text=%2D%2C%20%2C3%A9%20o%20n%C3%BAcleo%20do%20programa%20da%20minimal%20art](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3229/minimalismo#:~:text=O%20minimalismo%20se%20refere%20a,Kooning%20(1904%2D1997).&text=%2D%2C%20%2C3%A9%20o%20n%C3%BAcleo%20do%20programa%20da%20minimal%20art). Acesso em: 15 mar. 2021.

KOELLREUTTER, H. J. Sobre o valor e o desvalor da obra de arte. **Estud. av.**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 251-260, dez. 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000300014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2021.

LEITE, Marcelo Alecsander Chagas; ALBRECHT, Mirian Pacheco Silva. A importância da arte na formação interdisciplinar proposta pela UFABC. **Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 408-429, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15607/pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LEITE, Pedro Pereira. Educação pela arte em Portugal. *In*: MUSEU EDUCAÇÃO DIVERSIDADE. **Educação patrimonial**. Lisboa, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://museueducacaodiversidade.com/2019/08/12/educacao-pela-arte-em-portugal/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LEITE, Sylvia. Museu de Imagens do inconsciente: os frutos de uma psiquiatria humanizada. *In*: LEITE, Sylvia. **Blog Lugares de memória**. [S. l.], 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.lugaresdememoria.com.br/2020/01/museu-de-imagens-do-inconsciente-os.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, 2005.

LIMA, Sonia Regina Albano de; PICOLLO, Claudio; LIMA, Flavia Albano de. A inserção das artes no ensino: sua função e importância. **Revista Interdisciplinaridade**, n. 6, 2015.

MARINELLI, Isabella. Street dance emagrece: modalidade de dança queima calorias e é divertida. **Vix**, Coral Gables, 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/bdm/dieta/4375/street-dance-emagrece-modalidade-de-danca-queima-calorias-e-e-divertida>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MATIAS, Janielly Fernandes. **A arte como elemento facilitador no contexto da educação inclusiva**. 2017. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15512/1/JFM14062017.pdf>. Acesso em: 29 maio 2021.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, DF: CFP, 2001.

METZGER, Clarissa. Sublimação: laço entre arte e clínica. **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 133-143, out. 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 maio 2021.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH- Willis Harman House, 2008.

NASCIMENTO, Francisco. **Metodologia da pesquisa científica**: teoria e prática: como elaborar TCC. Brasília, DF: Thesaurus, 2016.

NOGUEIRA, Alessandra. 10 Incríveis portadores de deficiências. *In*:

HYPESCIENCE. **Outras**. [S. l.], 21 jan. 2010. Disponível em:

<https://hypescience.com/26744-10-pessoas-com-deficiencia-que-possuem-habilidades-incriveis/>. Acesso em: 10 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. [S. l.], 10 dez. 1948. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PEREZ, Luana Castro Alves. A poesia visual: concretismo. **Mundo Educação**, São Paulo, 5 jun. 2015. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/a-poesia-visual-concretismo.htm>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PESSOA, Valda Inês Fontenele; MUNIZ, Rossilene Brasil. Ensino superior: a importância das artes para o currículo interdisciplinar em ação. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO, 4., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11168>. Acesso em: 20 maio 2021.

PETRONI, Ana Paula. **Psicologia escolar e arte**: possibilidades e limites da atuação do psicólogo na promoção da ampliação da consciência de gestores. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/447>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PIMENTA, Alberto. Acerca da poética ainda possível. *In*: AGUIAR, Fernando; PESTANA, Silvestre (orgs.). **Poemografias**: perspectivas da poesia visual português. Lisboa: Ulmeiro, 1985.

PLATÃO. **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

RICCIOTTO Canudo. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2019]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricciotto_Canudo. Acesso em: 10 abr. 2021.

ROSA, Augusto Pereira da; ZINGANO, Ester Miriane. Pré-história: educação para sobrevivência. **Maiêutica**, Indaial, ano 1, n. 11, p. 33-37, jan. 2013. https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/ART_EaD/article/download/314/58#:~:text=Embora%20sem%20ter%20consci%C3%Aancia%20de,%2DHist%C3%B3ria%20%E2%80%93%20estavam%20intimamente%20relacionadas. Acesso em: 10 mar. 2021.

ROSSI, Cláudio. Arte e psicanálise na construção do humano. **Ciencia e Cultura**, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 25-27, 2009. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2021.

SANTANA, Cláudia Gutierrez. **A arte e a educação inclusiva**: uma possibilidade real. Curitiba: Iesde, 2004.

SANTOS, Sílvia. Charlie Chaplin. *In*: SILBERMANN, Ben; SCIARRA, Paul; SHARP, Evan. **Pinterest**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://br.pinterest.com/silvinhahesse/charlie-chaplin/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. *In*: SAVIANI, Dermeval *et al.* **O legado educacional do Século XX**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 9-58. (Coleção Educação Contemporânea).

SERRA, Richard. Fernando Pessoa. *In*: ARTHUR. **Richard Serra**. [S. l.], 2008. Disponível em: <https://arthur.io/art/richard-serra/fernando-pessoa>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SILVA, Marcelo Brito da. Quando a vida imita a arte. **A Tribuna**, Cuiabá, 17 set. 2016. Disponível em: <https://www.tribunamt.com.br/2016/09/17/quando-a-vida-imita-a-arte/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, Professor Doutor Levi Leonido Fernandes da. **Educação pela arte**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/75881416/educacao-pela-arte>. Acesso em: 10 maio 2021.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da. Arte e educação: na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar. **Pro-posições**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 187-199,

maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2253/44-artigos-cintradasilvasm.pdf>. Acesso em: 10 março. 2021.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e a atuação profissional**. Campinas: Alínea: Uberlândia: EDUFU, 2005.

SILVA, Vera Lúcia T.; PICCOLO, Vilma Leni N. Dificuldade de aprendizagem na perspectiva das inteligências múltiplas: um estudo com um grupo de crianças brasileiras. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, p. 191-211, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37417086009.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVEIRA, Nise da (org.). **Casa das Palmeiras: a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

SILVEIRA, Nise da. 40 anos do Museu de Imagens do Inconsciente. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, São Paulo, v. 41, n. 4, 1992.

SLACK. The Strokes lança novo álbum; escute The New Abnormal. *In*: AMBROSIA. **Música**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://ambrosia.com.br/musica/the-strokes-lanca-novo-album-escute-the-new-abnormal/#>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SOARES, Pollianna Galvão; MATOS, Daniel Carvalho de; XAVIER, Creuziana. **O psicólogo escolar no processo de inclusão da criança com autismo**. 2. ed. São Luís: Ceuma, 2018.

SOUSA, Adriano Soares de. A arte imita a vida ou a vida imita a arte? *In*: FILOSOFANDO O DIA A DIA. **Blogpost**. [S. l.], 5 ago. 2018. Disponível em: <http://www.filosofandoodiaadia.com/2018/08/a-arte-imita-vida-ou-vida-imita-arte.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SOUZA, Vera Lúcia T. Arte, imaginação e desenvolvimento humano: aportes à atuação do psicólogo na escola. *In*: DAZZANI, Maria Virgínia; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de (orgs.). **Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais**. Campinas: Alínea, 2016. p. 77-94.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, n. 4, p. 375-388, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/55QML8QcV9DwJF8JfgJJpfh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TARSILA do Amaral. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral. Acesso em: 18 mar. 2021.

VALENTE, Tamara da Silveira. O papel do professor de educação artística. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 9, p. 59-68, dez. 1993. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/Syk8rKxk3WsXDgrf7m4f5jK/?lang=pt&format=pdf>.
Acesso em: 10 maio 2021.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Educação básica e educação superior**: projeto político-pedagógico. Campinas: Papyrus, 2004. (Coleção Magistério). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3138162/mod_resource/content/2/Veiga%2C%20Ilma%20Passos_%20Projeto%20Político-Pedagógico%20Continuidade%20ou%20Transgressão%20para%20acertar%3F.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

VESCH, Benjamin. Etimologia da arte. *In*: ETIMOLOGIA ORIGEM DO CONCEITO. **Início etimologia**: arte e literatura. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/arte/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. Nietzsche e o projeto crítico de superação da compreensibilidade. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 32, p. 297-318, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/QTsZ3hqk8WcQ5LwvLPYCcph/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

VILLAÇA, Iara. Arte-educação: a arte como metodologia educativa. **Cairu em Revista**, Salvador, ano 3, n. 4, p. 74-85, jul./ago. 2014. Disponível em: https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

VYGOSTKY, Lev Semianovich. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Tradução P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, Lev Semianovich. **Psicologia da arte**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKI, Lev Semianovich. **Psicologia pedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEITZ, Morris. O papel da teoria na estética. **Crítica**, [S. l.], 24 jul. 2004. Disponível em: <https://criticanarede.com/weitz.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

WEITZ, Morris. O papel da teoria na estética. **Crítica**, [S. l.], 24 jul. 2004. Disponível em: <https://criticanarede.com/weitz.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

WILDE, Oscar. **The decay of lying**: an observation. Londres: Penguin Classics, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1953. (Os Pensadores).